

O Inferno é Aqui

UMA ANÁLISE DO PROCESSO CRIATIVO E DA RECEPÇÃO
DO VIDEOCLÍPE “GLOWRIA” DO ATELIÊ 23

ERIC LIMA

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
CURSO DE BACHARELADO EM DANÇA**

ERIC SILVA DE LIMA

**O INFERNO É AQUI:
UMA ANÁLISE DO PROCESSO CRIATIVO E DA RECEPÇÃO DO
VIDEOCLÍPE “GLOWRIA” DO ATELIÊ 23**

**MANAUS
2023**

ERIC SILVA DE LIMA

O INFERNO É AQUI:
UMA ANÁLISE DO PROCESSO CRIATIVO E DA RECEPÇÃO DO
VIDEOCLÍPE “GLOWRIA” DO ATELIÊ 23

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na disciplina de Orientação de Trabalho de Conclusão, do curso de Bacharelado em Dança da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como exigência para obtenção do título de Bacharel em Dança.

Orientador: Prof. Dr. Taciano Araripe Soares

**MANAUS
2023**

ERIC SILVA DE LIMA

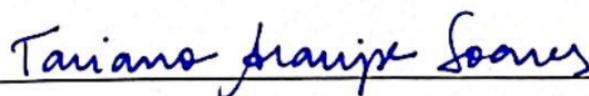
**O INFERNO É AQUI: Uma análise do processo criativo e da recepção do
videoclipe "Glowria" do Ateliê 23**

Este trabalho de conclusão foi julgado adequado para obtenção de Grau de Bacharelado em Dança da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas e aprovado, em sua forma final, pela Comissão Examinadora.

Nota Final: 9,6

Manaus, 22 de março de 2023

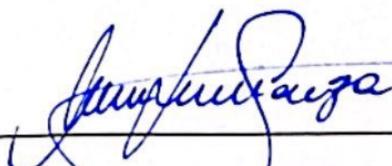
Banca Examinadora:



Prof. Dr. Taciano Araripe Soares



Profa. Dra. Raissa Caroline Brito Costa



Prof. Me. Madirson Francisco Souza

Ao Ateliê 23, meu lar de criação
Ao meu amigo Taciano, por toda parceria e apoio
Ao meu amor, Abraão, por todo incentivo e cumplicidade
Aos artistas que resistem em continuar criando, mesmo quando parece impossível

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso, e principalmente a finalização dele, contou com a ajuda de diversas pessoas, dentre as quais agradeço aqui.

Obrigado ao meu amigo, parceiro e orientador, Taciano Soares, que confiou em mim e foi fundamental para minha trajetória artística e acadêmica, onde sempre fui impulsionado a ampliar meus horizontes.

Obrigado ao meu amor, Abraão Almeida, que sempre acreditou e esteve do meu lado, me incentivando, ouvindo, apoiando e dando-me a segurança necessária para alçar voos cada vez maiores.

Obrigado aos meus amigos queridos, de dentro e fora do At23, que sempre me apoiaram e apoiam na trajetória artística.

Obrigado a todos e todas aqueles e aquelas que se fizeram presentes nas plateias das obras do Ateliê 23, ou se fizeram espectadores de nossas obras audiovisuais, transformando-as em um potente lugar de encontro, diálogo, afetações e desejos de resistência neste país.

Obrigado aos meus professores pelas contribuições, paciência e incentivo ao longo desses anos.

Obrigado à Universidade do Estado do Amazonas, e a minha turma de colegas que tive o prazer de compartilhar momentos inesquecíveis.

Obrigado aos professores Madson e Raíssa, que eu tenho grande admiração, pelo aceite em contribuir com a minha pesquisa por todas as inspirações dentro e fora das salas de aula.

Obrigado, por fim e nominalmente, aos artistas e demais profissionais que fizeram das obras *A Bela é Poc (2021)*, *Azul (2021)* e *Glowria (2021)* espaços possíveis de diálogo e afeto: Ana Camargo, Dan Stump, Diego Bauer, Dione Maciel, Dori Carvalho, Frei Paulo Xavier, Geffiter Garcia, Guilherme Bonates, Hamyle Nobre, Haryadina Ramalho, Hebe Raquel, Ian Queiroz, Ícaro Davi, Isabela Catão, Jessilda Furtado, Julia Morinaga, Karol Medeiros, Krishna Pennutt, Larissa Martins, Laury Gitana, Manuella Barros, Patrício Ribeiro, Queni Lopes, Ramon Ítalo, Rodrigo Valle, Taciano Soares, Valeska Patrício, Victor Venâncio, Wilas Rodrigues e William Mady.

“Eu sou lindo do meu jeito, pois Deus não comete erros. Estou no caminho certo, baby, eu nasci desse jeito. Não se esconda atrás de arrependimentos, apenas ame a si mesmo e você estará bem. Eu estou no caminho certo, baby, eu nasci desse jeito.”

Lady Gaga

RESUMO

Neste trabalho, relato como se deu o processo criativo do videoclipe “Glowria”, que fez parte do projeto “A Bela é Poc”, do Ateliê 23, onde atuei como intérprete e diretor. A obra tem como mote o tema da homofobia e a sua relação com a intolerância religiosa e aqui mostro como o argumento influenciou todo o percurso da criação e as escolhas estéticas propostas. Uso o formato da Bíblia como metáfora, e através de quatro “livros” (Genesis, Êxodo, Sebastião, Atos dos apóstolos, Pós-Apocalipse) conto, respectivamente, através da metodologia autoetnográfica: os motivos da criação, a partir de experiências de autobiográficas de violências sofridas no âmbito religioso; as experiências adquiridas na minha trajetória no Ateliê 23, que definem as linguagens usadas no processo, como as Bionarrativas Cênicas, a própria autobiografia, e demais metodologias que fazem uso de materiais reais e documentais para a construção cênica/audiovisual; faço ainda uma análise da recepção do videoclipe através dos discursos de ódio que o clipe recebeu, assim como as mensagens positivas e em defesa do trabalho; e faço minhas considerações sobre a realidade enquanto artista e o nosso processo enquanto agentes de transformação interna e externa.

Palavras-chave: homofobia, religião, bionarrativas cênicas, dança, audiovisual.

ABSTRACT

In this work, I talk about the creative process of the music video “Glowria”, which was part of the project “A Bela é Poc”, by Ateliê 23, where I acted as interpreter and director. The motto of the work is the theme of homophobia and its relationship with religious intolerance and here I show how the argument influenced the entire course of creation and the proposed aesthetic choices. I use the format of the Bible as a metaphor, and through four “books” (Genesis, Exodus, Sebastian, Acts of the Apostles, Post-Apocalypse) I tell, respectively through the autoethnographic methodology: the reasons for creation, based on autobiographical experiences of violence suffered in the context of religious; the experiences acquired in my career at Ateliê 23, which define the languages used in the process, such as the Scenic Bionarratives, the autobiography itself, and other methodologies that make use of real and documental materials for the scenic/audiovisual construction; I also analyze the reception of the music video through the hate speeches that the video received, as well as the positive messages and in defense of work; and I make my considerations about reality as an artist and our process as agents of internal and external transformation.

Keywords: homophobia, religion, scenic bionarratives, dance, audiovisual.

LISTA DE FIGURAS

Imagens

Imagem 1	Espetáculo da Silva.....	23
Imagem 2	Card de divulgação da primeira versão do projeto.....	31
Imagem 3	Caderno de anotações de processo.....	31
Imagens 4 e 5	<i>Storyboard</i> de “Glowria”	34
Imagem 6	Cartaz de divulgação do curta “A Bela é Poc”	35
Imagem 7	Cartaz de divulgação do videodança “Azul”	35
Imagem 8	Cartaz de divulgação do videoclipe “Glowria”	35
Imagens 9, 10 e 11	Comentários do videoclipe “Glowria” no <i>Youtube</i>	38
Imagem 12	Arte com composição da canção “Glowria”	40
Imagem 13	Igreja do Largo de São Sebastião	43
Imagens 14, 15 e 16	Obras “O martírio de São Sebastião”	44
Imagem 17	Vista da janela da casa de Eric Lima no centro de Manaus	46
Imagem 18	Intérpretes na gravação de “Glowria”	47
Imagem 19	Comparação de <i>storyboard</i> com o clipe	47
Imagens 20, 21 e 22	Bastidores da gravação de “Glowria” na Igreja de São Sebastião	48
Imagens 23 e 24	Victor Venâncio, coreógrafo e intérprete	49
Imagens 25 e 26	Ramon Ítalo, Dan Stump, Eric Lima e elenco revendo imagens da gravação	51
Imagem 27	Compilado do autor para <i>moodboard</i> de “Glowria”	53
Imagem 28	Construção do figurino de “Glowria”	54
Imagens 29 e 30	Victor Venâncio como Lúcifer no “Cenário Queda”.....	55
Imagens 31 e 32	Eric Lima caracterizado da personagem ‘dragcrente’	56
Imagens 33, 34, 35 e 36	Intérpretes no cenário ‘paraíso’ do videoclipe “Glowria”	57
Imagens 37 e 38	O Jardim do Éden	58
Imagem 39	O Jardim das Delícias Terrenas	58
Imagem 40	Tirinha da <i>webcomic</i> “Um Sábado Qualquer”	62
Imagem 41	Comentário no videoclipe “Glowria” no <i>Youtube</i>	63
Imagem 42	Comentário no videoclipe “Glowria” no <i>Youtube</i>	64
Imagem 43	Comentário no videoclipe “Glowria” no <i>Youtube</i>	64

Imagem 44	Comentário no videoclipe “Glowria” no <i>Youtube</i>	65
Imagem 45	Comentário no videoclipe “Glowria” no <i>Youtube</i>	66
Imagem 46	Comentário no videoclipe “Glowria” no <i>Youtube</i>	67
Imagem 47	Comentário no videoclipe “Glowria” no <i>Youtube</i>	68
Imagens 48, 49, 50 e 51	Comentário no videoclipe “Glowria” no <i>Youtube</i>	67
Imagem 52	Mensagem no perfil pessoal do Instagram do autor	72

QR Codes

QR CODE 1	Videoclipe de Glowria	11
QR CODE 2	Vídeo relato da mãe do autor	24
QR CODE 3	Dossiê de violência contra LGBTIA+ 2020	28
QR CODE 4	Dossiê de violência contra LGBTIA+ 2021	28
QR CODE 5	Curta-metragem “A Bela é Poc” no <i>Youtube</i>	36
QR CODE 6	Videodança “Azul” no <i>Youtube</i>	36
QR CODE 7	Mensagem de áudio do autor para Wilas	39
QR CODE 8	Mensagem de áudio de Wilas para o autor	40
QR CODE 9	Mensagem de áudio de Queni para o autor	42
QR CODE 10	Vídeo comparativo da coreografia no plano sequência.....	52
QR CODE 11	Vaca Profana – Gal Costa.	66
QR CODE 12	Nota de repúdio aos ataques de Glowria	66

SUMÁRIO

1	GÊNESIS OU INTRODUÇÃO.....	12
2	ÊXODO.....	18
2.1	ATELIÊ 23.....	19
2.2	AUTOBIOGRAFIA, BIOGRAFIA E O REAL EM CENA.....	21
3	SEBASTIÃO	26
3.1	GAYS VS HOMOFOBIA	28
3.2	A BELA É POC – O PROJETO.....	30
3.3	A CRIAÇÃO DE GLOWRIA.....	36
3.3.1	Me recompondo.....	39
3.3.2	“Take me to church” (de Hozier)	42
3.3.2.1	<i>O padroeiro dos gays.....</i>	43
3.3.3	Memória, espaço e corporeidade	45
3.3.4	Pose de anjo	49
3.3.5	Imagem e semelhança	53
3.3.5.1	<i>Cenário Queda</i>	55
3.3.5.1	<i>Cenário Protestante</i>	56
3.3.5.1	<i>Cenário Paraíso</i>	57
4	ATOS DOS APÓSTOLOS.....	61
4.1	A REDENÇÃO	66
5	PÓS-APOCALIPSE OU CONSIDERAÇÕES EM PROCESSO.....	70
6	REFERÊNCIAS.....	74

**ANTES DE COMEÇARMOS,
ASSISTA O VIDEOCLÍPE DE
GLOWRIA!**



QR CODE 1: Videoclipe de "Glowria"

Gênesis

Gênesis

Gênesis

1 GÊNESIS OU INTRODUÇÃO

“**E** no princípio criou Deus os céus e a terra.” A Bíblia (GÊNESIS 1:1)

Assim começa um dos livros mais famosos da humanidade que apresenta a origem de todos os seres da face da terra, de acordo com os dogmas do Cristianismo. E de alguma forma conta também minha história. A origem do Eric artista, que vai conduzir todas as motivações para este trabalho existir, porém, como os apóstolos fizeram a sua parte em escrever as suas vivências, aqui seguirei a mesma lógica.

Seguindo o formato bíblico de apresentar o criador antes da criatura, venho primeiramente falar sobre aquela que me pôs no mundo: minha mãe. Porém, não será uma daquelas declarações piegas, cheias de afetos, regadas a sentimentos ambíguos de uma relação comum entre mãe e filho. Minha mãe não é extraordinária como a Déa Lúcia do Paulo Gustavo¹, nem tem uma jornada tão comumente épica quanto Helena², de Taciano Soares. Minha mãe se assemelha a Medéia, ou ainda, como eu costumo definir, um filme do *Almodóvar*³. Forte, narcisista, complexa, independente e como 72% da população brasileira, cristã.

Ser cristã é lido por mim aqui como um traço de personalidade pois está tão intrínseco a ela, que seria impossível imaginá-la sem a sua religião, e como era de se esperar, sua expectativa era de que minha vida fosse construída sob suas crenças. Meu nome é homenagem a um pastor, nossa casa era ao lado da igreja, literalmente, e após um episódio de "milagre" na minha infância fui obviamente entregue a Deus por completo, para ser única e exclusivamente dEle.

¹ Déa Lúcia é mãe do ator e humorista Paulo Gustavo, falecido em 2021 vítima de complicações da COVID19, tornou-se famosa após o sucesso do personagem “Dona Hermínia” inspirado em sua vida, interpretada pelo filho em *Minha Mãe é uma Peça*”.

² Helena Araripe é mãe de Taciano Soares, Diretor do Ateliê 23, cuja vida inspirou uma peça de teatro musical chamada “Helena”, estreada em 2018.

³ Pedro Almodóvar é cineasta, diretor, roteirista, compositor e ator bastante conhecido pelo melodrama, humor, cores ousadas, citações de cultura popular e narrativas complexas.

Segundo Pereira Jr (2020), em seu ensaio "Diferentes filhos de mães narcisistas", eu e minha irmã tínhamos duas opções, ser o "filho dourado", ou o "filho bode expiatório". E eu tive o "privilégio" de ser o filho de ouro, o qual a Mãe Narcisista projeta toda a esperança de satisfazer sua necessidade transtornada de ser adorada e reconhecida incondicionalmente.

Embora pareça uma relação amorosa, de forma alguma o é, porque esse filho, perante a mãe, é apenas um filho útil, um mascote, pronto a atender suas demandas fantasiosas, ele é apenas uma extensão do narcisismo da mãe. Desde cedo, este filho entende que foi criado para este propósito: agradar a Deusa-Mãe. (PEREIRA JR, 2020).

Minha mãe era daquelas que todos conheciam. Ela ajudava generosamente desconhecidos, organizava grandes e lindos eventos, reformava as igrejas e dificilmente era contestada por estar pensando no melhor para todos. Logo seria necessário que em todo o lugar onde eu estivesse inserido eu buscasse excelência, assim como ela fazia. Para uma criança leonina destacar-se não foi necessariamente um fardo, a menos é claro, que eu quisesse escolher um caminho diferente do que foi projetado para mim, e isso incluiria, obviamente, ser gay.

Enquanto minha sexualidade e aspirações pessoais não eram uma questão, entre peças de teatro e diversos corais minha formação enquanto artista foi se consolidando. Eu amava fazer parte daquilo tudo, viver uma vida que não fosse a minha e me realizar por meio da minha arte. Porém a fase de questionamentos da adolescência chegou e eu, que particularmente nunca tive problemas graves de autoaceitação embora soubesse que precisava me esconder, resolvi, enfim, confrontar as crenças nucleares e absolutistas que existiam dentro da religião, da formação do lar e de organização social imposta pela igreja. A não resposta aos meus questionamentos veio acompanhada de uma sequência de violências simbólicas e literais que aconteciam tanto na igreja, quanto no ambiente familiar.

Já que não cumpria mais com minhas obrigações de ser o filho perfeito, fui privado de ter contato com amigos do sexo masculino, de sair de casa para outros eventos que não fossem da igreja, de assistir, ler, ouvir ou comentar sobre qualquer produto que não fosse religioso, fui trocado de escola para me afastar das "más influências" que ninguém sabia dizer quais eram, meu cabelo jamais poderia crescer

e até minhas roupas eram determinadas pela minha mãe, mesmo sendo um adolescente perfeitamente capaz de fazer tais escolhas.

Na igreja era alvo de diversos boatos e olhares preconceituosos, além de ser obrigado a me calar e jamais questionar os hábitos e dogmas do lugar, por mais descabidos eles fossem. Se algo de natureza duvidosa acontecia, eu era então severamente punido. Por exemplo, se eu fosse pego dançando no quarto uma música "mundana", minha mãe ordenaria que meu pai me segurasse para que ela pudesse me bater até o cansaço.

Esses acontecimentos potencializaram a minha percepção da diferença evidente entre o que se pregava e o que de fato se vivia. A hipocrisia, mentiras e sentimento de superioridade de grande parte dos cristãos que eu convivi e observei por todos os anos que passei dentro daquele ambiente, fizeram com que eu precisasse ir atrás de uma nova forma de vida sozinho, longe de tudo e de todos, inclusive e principalmente, minha própria família. A este momento eu dou o nome de êxodo.

Meu êxodo foi responsável pelo nascimento do Eric artista que hoje continua a questionar, e aqui observando a própria trajetória, que também é, infelizmente, a realidade de muitos. Foi durante a busca por um lugar de aceitação e acolhimento que encontrei os meus: o Ateliê 23, coletivo que eu trabalho e desenvolvo minhas pesquisas até hoje. Nesse lugar eu tive a oportunidade de me desenvolver sem amarras, sem preconceitos, e fui capaz de observar verdadeiramente o outro, me tornando um lugar de escuta, no mais amplo sentido da palavra, como bem nos explica Sêneca (2017), que diz que

Ouvir é o único caminho pelo qual se aprende a virtude. A virtude não pode ser dissociada do *logos*, isto é, de uma linguagem articulada racionalmente que o revele. Este *logos* só pode penetrar pelo ouvido em direção à alma, graças ao sentido da audição. O único acesso do logos a alma é, pois, pelo ouvido. (p. 404)

Esse *logos* que o autor nos traz nesse conceito é tudo aquilo que nos forma primariamente. Todos os pré-conceitos que carregamos no simples ato de existir e é no ouvir, que ele se transforma, que ele se revela como matéria e é assim, capaz de

transformar o outro, e era nesse aspecto que residia meu interesse na criação artística.

Em 2021 nós, do Ateliê 23, estreamos três obras audiovisuais, dentro do projeto denominado “A Bela é Poc”, cujo intuito era trazer o tema da homofobia de diferentes perspectivas: um curta-metragem de mesmo nome do projeto (A Bela é Poc), o videodança “Azul” e o videoclipe “Glowria”. Este último é uma obra audiovisual da canção criada por mim que traz o tema a partir do recorte da intolerância religiosa, baseada nas experiências autobiográficas relatadas anteriormente, assim como outras dos integrantes do projeto, além de materiais documentais característicos da pesquisa que o coletivo desenvolve desde 2014, hoje chamada de Bionarrativas Cênicas.

As bionarrativas cênicas nomeiam as experiências em que o grupo Ateliê 23 vem construindo e que apontam para uma poética que almeja o alcance afetivo do espectador, a partir de materiais biográficos e documentais, sob o recorte de modos de trabalho que privilegiam o debate, a construção e o olhar sobre determinadas vidas que existem sob as condições de precariedade, apagamento e silenciamento coordenadas por estruturas dominantes de poder. (SOARES, 2021, p.197)

Através das redes sociais muitos crimes de ódio também são cometidos. A internet hoje permite que indivíduos se escondam e emitam opiniões criminosas sem sofrer punição por seus atos. Este foi o caso do ataque sofrido por nós quando veiculamos o videoclipe “Glowria” nas plataformas digitais. O clipe recebeu inúmeras ameaças e violências simbólicas direcionadas aos integrantes do clipe por entrarem na Igreja do Largo de São Sebastião, em Manaus, Estado do Amazonas, mesmo que sob a autorização e acompanhamento do Pároco responsável, assim como do Arcebispo local.

Após o ocorrido nós não respondemos a nenhum dos ataques individualmente, apenas postamos uma nota nas redes sociais a pedido do próprio Padre sobre nosso posicionamento e intenção com a obra, que não foi tirada do ar, como era de desejo de muitos fiéis.

Foi assim que esse acontecimento definiu, para mim, o tema deste trabalho de conclusão de curso. Após os anos na academia pensando sobre as diversas formas de criação, escolhi esse tema para refletir sobre o lugar da dança como um espaço

de provocação. O debate sobre o conservadorismo desses espaços, a invisibilização de quem também tem o direito de exercer sua fé independente da sua orientação sexual, e a reflexão sobre o impacto da presença de corpos de membros da comunidade LGBTQIA+ naquele local, precisava acontecer. E a análise da criação de "Glowria" assim como a sua recepção seriam fundamentais para que isto fosse possível.

Apesar da violência dos cristãos conservadores nos comentários da postagem do clipe, uma tempestade de mensagens em defesa e apoio do grupo também foram observadas. Foram artistas, civis, cristãos conscientes e ainda líderes religiosos progressistas de todas as partes do Brasil, mostrando o verdadeiro poder da arte que se propõe a questionar algumas (in)verdades absolutas.

Para analisar o processo de construção da obra audiovisual, assim como a recepção desta em quem o assistiu, e como minha trajetória enquanto artista influenciou as escolhas de direção e atuação, usarei a pesquisa autoetnográfica, que segundo Fortin (2009): "se caracteriza por uma escrita do "eu" que permite o ir e vir de uma experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si" (p.83).

Pretendo escrever como o tema me afetou e como eu afetei os processos de construção de cada símbolo escolhido para o videoclipe e isso será possível pela análise e seleção de documentos. O próprio vídeo, áudios e *storyboards*⁴, anotações e prints dos comentários no *Youtube*, sem desconsiderar, como Fortin (2009) defende, "a corporeidade do pesquisador, suas sensações, e as suas emoções sobre o campo, são reconhecidas como fonte de informação ao mesmo título que o pode ser uma fotografia de uma obra em curso" (p.81), ou seja, minhas reações somáticas como um tipo de dado etnográfico, como por exemplo os meus sentimentos na época e hoje em relação às violências sofridas, e todos os sentimentos que incluem observar a obra sob a ótica do momento em que ela foi criada e hoje.

⁴ Storyboard é uma sequência de desenhos feitos quadro a quadro com o esboço das cenas e ideias para o vídeo ser gravado.

Exodo

Exodo

Exodo

2 ÊXODO

 Livro de Êxodo, na Bíblia, nos traz um relato da libertação de Israel do cativeiro egípcio e sua preparação para herdar a terra prometida como povo do Senhor. A palavra 'êxodo' significa "saída" ou "partida" e em sua essência simboliza a busca pela liberdade. É desta forma que eu vejo minha saída da instituição igreja. Contudo, a saída é simbólica, pois aquele universo e aquelas pessoas formavam inclusive o meu "eu".

Quando perdemos certas pessoas, ou quando somos despossuídos de um lugar, ou de uma comunidade, podemos simplesmente sentir que estamos passando por algo temporário, que o luto passará, e que alguma restauração da ordem anterior será alcançada. Mas talvez, quando passamos pelo o que passamos, algo sobre o que somos nos é revelado, algo que delineia os laços que mantemos com os outros, que nos mostra que esses laços constituem o que somos, laços e elos que nos compõem. (BUTLER, 2019. p.42)

Esse afastamento de toda religiosidade e conseqüentemente da minha família deu início a uma jornada de investigação de mim mesmo e de quem eu me tornaria com os novos encontros que eu teria a partir dali. Assim, me dediquei profundamente na busca de me expressar e transformei isso no início de uma trajetória profissional genuína, onde encontrei parceiros e amigos que se tornaram minha *chosen family*. Esse termo em inglês, que vem da literatura antropológica, se refere aos relacionamentos intensos e íntimos que algumas pessoas LGBTQIA+ criam separadas de seus parentes biológicos; "é o parentesco que você cria fora de uma estrutura familiar tradicional" diz Daniels (2022) em um artigo publicado no *The New York Times*.

Desta forma encontrei além de acolhimento e liberdade nos movimentos de auto (re)descobertas, um espaço de formação que possibilitou a tradução em diversas manifestações artísticas das minhas inquietações ao longo desses anos.

2.1. ATELIÊ 23

Em 2013 a companhia foi criada e eu fui convidado a integrá-la alguns poucos meses depois do seu nascimento. Em 2023 completam 10 anos que dedico minhas

pesquisas, experimentações, e criações diversas ao coletivo. Todo meu aprendizado artístico foi possível graças à troca e possibilidade de experimentação nesse espaço. A academia teve uma função primordial nesse percurso de ampliar meus horizontes, mas foi nas salas de ensaio do Ateliê 23, na prática, que pude entender como se dá o processo de criação artística verdadeiramente.

Mesmo que inicialmente fosse uma companhia somente de teatro, o encontro com artistas de diferentes linguagens sempre foi uma realidade, então, descobrindo de que forma eu poderia contribuir dentro dos processos, comecei a trazer meus conhecimentos e pesquisas na, e para a, área da dança. Foi quando nos tornamos uma cia de artes cênicas, pois não teríamos, a partir de então, uma área específica de criação. Durante os anos seguintes produzimos obras nas linguagens do audiovisual, como é o caso de “Glowria”, da música, das artes visuais, entre outras. E com o tempo os limites entre essas linguagens começaram a se dissipar e hoje esse hibridismo está intrínseco à poética do grupo.

Apesar de existir uma grande dedicação para a qualidade técnica da criação, sempre acreditamos que o principal da obra de arte é a sua relação com os outros. A arte consegue associar revolta, assistência e vontade de levar à expressão, sem subestimar sua mobilização política e ética em favor daqueles que a sociedade deixa enfraquecer nas suas margens. É nessa relação entre a arte e o social, que o Ateliê 23 dá luz a temas espinhosos em suas produções. Nos interessa muito a vida, o ser humano, e obviamente, os seus conflitos, suas formas de existir, de desenvolver seus pensamentos e comportamentos, mesmo que o “humano” esteja de alguma forma se perdendo na nossa sociedade.

Na busca por uma ética que aflore em nós esse sentido de humanidade, encontramos Butler (2019) que em seu ensaio *Vida Precária*, “aborda a questão de uma ética não violenta, baseada no entendimento do quão facilmente a vida pode ser anulada” (p.16). Questões como “o que é entendido como uma vida?” ou “quais são os processos de humanização que traçam linhas que definem quais vidas serão consideradas possíveis de viver e quais mortes não poderão ser publicamente pranteadas e sequer serão entendidas como tal?” nos fazem refletir sobre o que nos

vincula eticamente à alteridade, ou seja, como conseguimos dentro das nossas crenças reconhecer e respeitar as diferenças entre as pessoas. Butler nos dá uma primeira possível resposta, a partir da observação do que, no sentido contrário à nossa busca, nos desumaniza.

A desrealização da perda - a insensibilidade ao sofrimento humano e à morte - torna-se o mecanismo de realização da desumanização. Essa desrealização não ocorre nem dentro e nem fora da imagem, mas no próprio enquadramento em que a imagem está contida (BUTLER, 2019, p.179)

Então como reencontrar essa sensibilidade? Por muitos anos esse despertar de humanidade foi o que moveu as criações do Ateliê 23, até que Soares pudesse alcançar as definições das Bionarrativas Cênicas. Nessa poética eu encontrei além de uma construção cênica honesta, uma forma única de conexão com os espectadores.

A compreensão de que, afinal, o desejo se inscreve como movimento de manutenção da própria vida e nele nos inserimos todos enquanto artistas, inclusive, oportuniza um olhar sobre quais esferas contribuem para o acontecimento teatral que o grupo tem proposto. E é nesse lugar que as contribuições da filosofia, das neurociências cognitiva e social além, claro, do teatro biográfico, documental ganham força e articulam o pensamento do grupo que, sabidamente, segue em processo. (SOARES, 2021, p.198)

O conjunto desses estudos converge em uma produção artística que tem como objetivo observar não só os processos internos de criação, mas sobretudo a quem ela é destinada. Acredito que nesse modelo encontro algo capaz de provocar transformações em tantas esferas individuais e coletivas, que fazem com que eu sinta que, hoje, tenho as respostas que tanto buscava.

2.2. AUTOBIOGRAFIA, BIOGRAFIA E O REAL EM CENA

Quando falo sobre honestidade na criação cênica, quero retornar ao percurso antes das Bionarrativas, onde meu processo criativo era pautado na vulnerabilidade do intérprete, assim como do diretor. Minhas experiências enquanto direção foram desde o início de um desejo interno de me expor para que a plateia se reconhecesse, se identificasse, e que isso a fizesse ser capaz de refletir sobre sua própria trajetória de vida, a partir da minha.

Dessa forma, a pesquisa sobre os processos autobiográficos e biográficos foi o que me norteou por muito tempo, até a compreensão do que podemos chamar hoje de nossa própria linguagem, que obviamente, não é algo rígido e estático, pelo contrário, está em constante transformação. Entretanto, mesmo estando completamente inserido na pesquisa coletiva do Ateliê 23, sinto que, como diretor, estou em um processo ainda maior de descoberta.

Embora parte de mim concorde com as definições antiquadas de boas maneiras da baronesa Staffe (1893) que disse que “é por generosidade que se deve evitar falar de si. Deve-se impedir o máximo possível de intervenção de seu eu, pois este é quase sempre um assunto que incomoda ou entedia os outros.” (apud Lejeune, 2014, p.81); outra parte acredita fortemente que a autobiografia é capaz de ativar o outro, a ponto de ele sentir como se estivesse em seu lugar. Ou seja, despertando e exercitando o sentimento de empatia. Segundo Lejeune, a autobiografia se inscreve “no campo do conhecimento histórico (desejo de saber e compreender) e no campo da ação (promessa de oferecer verdade aos outros), tanto quanto no campo da criação artística” (2014, p.121).

Sob esses três campos que a relação que eu buscava com o espectador nos espetáculos durante as minhas criações era alcançada e a partir desse ponto de partido iniciei minha trajetória na direção com *Sur la vie* (2014) - espetáculo de dança-teatro sobre a vida humana: nascer, crescer, se descobrir, amar, decepcionar e o luto. Completamente autobiográfico sobre as experiências de vida dos intérpretes, onde o real era ficcionalizado com a criação de um universo no qual você acompanhava o desenvolvimento das personas em uma espécie de *time-lapse*, esta obra iniciou o que em da Silva (2016) pude aprofundar.

Nesta minha segunda direção, pude explorar os elementos do biográfico, do real e documental, sob uma perspectiva teatralizada onde as cenas criadas todas eram metáforas das histórias que doamos ou ouvimos uns dos outros.

Imagem 1: Espetáculo "da Silva"



Fonte: Keila Serruya, 2017

Assim, nós artistas do Ateliê 23 iniciamos uma rota de investigação do real em cena, onde acredito que a busca era por uma poética fundamentada na união da arte com o social, sem perder as qualidades e características que priorizam a arte cênica. Experimentamos os Teatros do Real (Fernandes, 2013; Saison, 1998), o Biodrama (Vivi Tellas) e o Teatro Performativo (Féral, 2015) que até hoje fazem parte de alguma forma dos nossos processos criativos.

A diretora argentina Vivi Tellas, a partir das experiências que ela fez e intitulou de Biodrama, diz que o corpo humano é uma fonte poderosa de arte em um local apropriado para novas expressões políticas. Portanto, esse teatro que se vale da performatividade do real em diálogo com a teatralidade dos palcos é, também, uma arma política de consciência e cidadania. Tornar-se protagonista de uma história é mais que um privilégio, amplia a condição humana do espectador para um sujeito ativo e isso não se limita a uma experiência teatral, torna-se vida. É uma experiência de vida.

Sob todos esses conceitos que construímos também Ensaio de Despedida (2017), onde dirigi meu ex-namorado em um término recente, com uma dramaturgia autoral que passeava entre o autobiográfico e o biográfico. Antes disso, nessa mesma perspectiva, atuei em Persona (2015). Um espetáculo sobre transfobia, que durante o processo eu pude conectar minhas subjetividades em vários momentos da construção. Esse foi o primeiro espetáculo que minha mãe assistiu e teve uma reação que fez com que eu pudesse refletir muito acerca do efeito empático de tudo que estávamos produzindo no Ateliê 23. Abaixo você pode conferir um vídeo sobre esse relato de experiência.



QR CODE 2: Vídeo relato da mãe do autor

Ainda assim, o que de fato provoca esse choque empático capaz de fazer o que aconteceu com minha mãe? Muito falei sobre as Bionarrativas Cênicas até aqui, mas um dos pontos principais da pesquisa é onde Soares (2021) afirma que, uma possibilidade de resposta dessa questão seria a ação de neurotransmissores, presentes em nossos cérebros, chamados neurônios espelhos. Gallese e Freedberg (2007, p. 199), Damasio (2004, p. 92) e Pais (2018, p. 120) concordam que ao desempenhar, observar e/ou escutar uma determinada ação executada por outra pessoa, ativamos nossos neurônios e esses em específico provocam em nós um estado equivalente ao fazer.

Com isso, sabemos então que o espectador tem como atividade no ato teatral, no ato do encontro com o outro, a percepção como um estado pungente que se iguala, enfim, ao trabalho daquele que faz. [...] O desejo das bionarrativas cênicas em construir movimentos afetivos no espectador ganha fôlego na compreensão do modo como os neurônios-espelho se tornam fundamentais para esse processo, uma vez que o palco se veste de narrativas de vidas precárias que se apresentam ao outro e nele podem suscitar sensações de similaridade e reconhecimento empático. (SOARES, 2021, p.176)

Assim, nós temos não um ponto de chegada, mas um de partida, sobre todas as possibilidades de como construir uma obra, desde o seu argumento até a sua execução técnica, e mais ainda, em como ela pode tocar e transformar efetivamente

a plateia que, além de assistir, é aquele que constrói a história junto e a razão fundamental da obra existir, seja ela qual for.

Sebastião

Sebastião

Sebastião

3 SEBASTIÃO

Existe hoje (ainda) uma grande parcela da nossa sociedade que defende e acredita na padronização heteronormativa, e em um único pensamento de organização familiar, assim como na não separação entre religião e Estado e consequentemente na perpetuação de um conservadorismo cristão doente, que influencia diretamente na forma como membros da comunidade lgbtqia+ são vistos em diversas esferas sociais.

A partir desta constatação, ficam nítidos os motivos que impulsionaram a criação do projeto "A Bela é Poc", e que foram os mesmos que tornaram o espetáculo "Persona" uma obra militante que, inclusive, deu ao coletivo o reconhecimento através do Prêmio Adamor Guedes⁵ como Grupo Ativista: A necessidade de lutar nossas próprias batalhas sob um aspecto político mais evidente, executado ao nosso modo. Eu queria lutar, queria me posicionar, mas não subindo em palanques, e sim, nos palcos, embora de alguma forma eu não me sentisse um ser suficientemente politizado para liderar este projeto.

Porém, segundo afirma Vidarte (2019, p.61),

“A existência política nasce de uma posição de sujeito que luta. Uma posição de sujeito que nasce de uma decisão voluntária, estratégica, conjuntural a partir de uma situação de opressão e injustiça dada. E chega de precauções. [...] o crucial é a posição, a tomada de posição, o posicionar-se, o plantar-se como sujeitos, fundar-se como sujeitos bixas.

Ou seja, não era necessário nada além da minha necessidade interna de posicionar-me frente às opressões que eu e meus semelhantes vivenciamos. Mais adiante o autor ainda faz uma espécie de equação simples que justifica toda e qualquer ação de revolução feita por qualquer indivíduo que sinta o ímpeto de lutar.

⁵ Participação do espetáculo "Persona - Face Dois" na II Mostra LGBT de Direitos Humanos, organizada pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA e Centro Estadual de Referência em Direitos Humanos Adamor Guedes.

INJUSTIÇA ESTRUTURAL + GENTE QUE SOFRE ESSA INJUSTIÇA + VONTADE DE LUTA E DE SUBVERTER TAL SITUAÇÃO INJUSTA = SURGIMENTO DE UM SUJEITO POLÍTICO CAPAZ DE REALIZAR UMA PEQUENA, MÉDIA OU UMA GRANDE REVOLUÇÃO.

Depois de séculos de opressão, não nos cabe um arcabouço ideológico para enfim nos colocarmos frente às estruturas sociais preconceituosas e violentas que recaem sobre nossos corpos desfavorecidos e marginalizados historicamente. É preciso coragem. Principalmente em uma cidade como Manaus.

3.1. GAYS VS HOMOFOBIA

Segundo os dossiês de 2020 e 2021 do Observatório de mortes e violência LGBTQIA+, organizado pelo Grupo Gay da Bahia, Acontece - Arte e Política LGBTQIA+, Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA e Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos - ABGLT a cidade de Manaus é considerada uma das capitais mais homofóbicas do país, atingindo o 4º lugar no ranking de municípios mais violentos de 2020, e subindo para a 3º posição no ano seguinte, no que diz respeito aos municípios brasileiros com mais mortes violentas contra LGBTQIA+, empatada com a cidade do Rio de Janeiro e ficando atrás somente de São Paulo e Salvador. Assim, ela se torna a capital da região Norte do país que mais mata gays.



QR CODE 4:
Dossiê de
violência contra
LGBTIA+ 2021



QR CODE 3:
Dossiê de
violência contra
LGBTIA+ 2020

Esses dados se tornam ainda mais alarmantes quando observamos o Brasil em comparação a outros países. Embora nos últimos anos as conquistas alcançadas pela comunidade mereçam suas comemorações, é preciso estar atento aos índices de criminalidade e de oportunidade de usufruir desses direitos.

O site Spartacus publica anualmente o *Gay Travel Index*⁶, onde estabelece o ranking dos países mais abertos à comunidade LGBTQIA+, em particular ele se baseia nas informações fornecidas pela ONG de direitos humanos *Human Rights Watch*, nos dados fornecidos pela Organização das Nações Unidas - ONU e da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa - OSCE. No total, 197 países são classificados no ranking e os critérios de avaliação vão desde a análise da legislação local no que se refere a leis anti-discriminatórias, até as taxas de criminalidade de membros da comunidade.

No levantamento feito em 2023, o Brasil ocupa a 35ª posição no ranking, uma ótima colocação se comparada aos 5 anos anteriores, onde se manteve abaixo da 50ª posição durante todo esse período, chegando inclusive a ocupar o 68º lugar em 2019. Devemos ficar felizes com a posição atual então, certo? Comemoramos! Entretanto vale lembrar que em 2010, nós brasileiros chegamos a ocupar o 19º lugar, ou seja, a luta não pode parar. Ela é diária e constante. A qualquer momento podemos nos ver com todos nossos direitos sendo negados, e com nossa existência ameaçada.

Agora, o que seria homofobia? Já que este preconceito é o cerne de toda criação do projeto, nada melhor do que tentar entender sua origem e a forma como ele se manifesta nos indivíduos. E para isso temos Borrillo (2010) que traz algumas definições que começam a elucidar tamanho desagrado por algo inerente a formação humana de todos os LGBTQIA+.

Segundo parece, qualquer suspeita de homossexualidade é sentida como traição suscetível de questionar a identidade mais profunda do ser. Desde o berço as cores azul e rosa marcam territórios dessa *summa divisio* que, de maneira implacável, fixa o indivíduo seja a masculinidade, seja a feminilidade, e quando se profere o insulto "veado" ["pédé!"], denuncia-se quase sempre um não respeito pelos atributos masculinos "naturais" sem que exista uma referência particular à verdadeira orientação sexual da pessoa. Ou quando se trata de alguém como homossexual (homem ou mulher), denuncia-se sua condição de traidor(a) e desertor(a) do gênero ao qual ela ou ela pertence "naturalmente". (p.27)

Nesta definição de homofobia geral percebemos que a transgressão da heterossexualidade nos foi imposta antes da nossa constituição enquanto seres sociais é que provoca uma reação adversa na nossa sociedade. Tognoli (1980) ainda

⁶ Disponível em: <https://spartacus.gayguide.travel/blog/spartacus-gay-travel-index/>

vai mais além, afirmando que a homofobia é uma das características principais de construção da identidade masculina, assim como a competição, a forte apreensão na demonstração de vulnerabilidade, e o controle dos sentimentos, sendo esses sinais de uma sociedade patriarcal doente que tem declarado uma verdadeira guerra ao feminino.

Essas categorizações do ser masculino e feminino só potencializam o que Butler (2003) chama de matriz heterossexual, um termo que define a compreensão cultural por meio da separação entre homens e mulheres. Ela acredita que ápice da inteligibilidade de gênero é representado na figura de um homem masculino heterossexual ou de uma mulher feminina heterossexual. Nesse modelo qualquer outra forma de existência é negada e conseqüentemente toda a construção social e política do ser. Witting (1980) diz que o pensamento hétero desenvolve uma interpretação totalizante da história, da realidade social, da cultura, da linguagem e simultaneamente de todos os fenômenos subjetivos, sendo, portanto, um processo complexo, necessário (e atrevo-me a dizer que quase impossível) nos desprendermos desse conceito ideológico para criar uma nova forma de pensamento. Acredito que a luta aqui, ainda é primária. É sobre não negar a existência.

Quando falamos em homofobia estamos deixando de legitimar a forma homossexual de expressão da sexualidade humana. A hierarquização das sexualidades que acontece baseada no domínio da lógica heteronormativa, faz com que a heterossexualidade seja vista como o padrão a ser seguido. Assim ao se identificar como homossexual, o indivíduo é automaticamente colocado em condição de inferioridade, fazendo-o como que sua vida esteja inclusive em risco.

3.2. A BELA É POC – O PROJETO

O projeto "A Bela é Poc" foi idealizado em 2019, para ser um espetáculo musical ativista sobre homofobia, que faria uso da linguagem de cabaré para ser construído. Streva (2020) define o cabaré como uma linguagem que discute questões de raça, de gênero, a teoria *queer*, o pós-colonialismo e demais temas ligados ao campo da performance, da filosofia, da sociologia, da política e da cultura, usando da

comicidade e da sátira, aliado a uma corporeidade expansiva que tem influência do teatro popular, do circo e da dança.

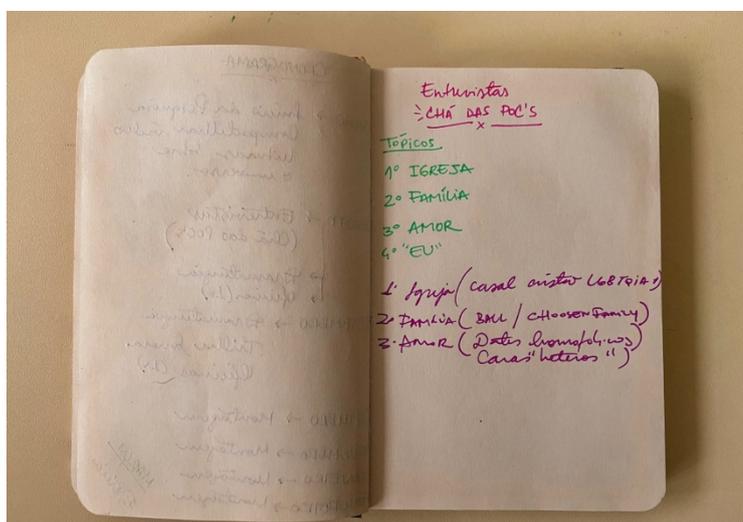
Nessa época o desejo era de reunir alguns gays (já fazendo um recorte dentro dos LGBTQIA+ em um encontro que seria chamado de “Chá das poc’s” para ouvi-los sobre os desafios de ser um corpo homossexual em Manaus e as histórias de homofobias enfrentadas nas suas vidas, e transformar isso posteriormente em uma dramaturgia, em músicas, e criar a partir dessas histórias reais uma grande obra artística, com números musicais e coreográficos muito bem produzidos e executados tecnicamente. A ideia era realmente provocar um impacto na cidade com essa produção de nome espirituoso, já que faz um trocadilho com a “*belle époque*”, um dos períodos mais marcantes da história da cidade de Manaus. A ambição era de que esse trabalho pudesse conversar com a maior quantidade de pessoas possíveis, e provavelmente esse formato aliado a poética e pesquisa do grupo fariam com que esse objetivo⁷ fosse alcançado. Seria uma bela época para poc’s manauaras.

Imagem 2: Card de divulgação da primeira versão do projeto



Fonte: Instagram do Ateliê 23, 2019

Imagem 3: Caderno de anotações de processo



Fonte: O autor, 2019

Se você não sabe o que é poc, permita-me explicar: POC é um termo popular usado para definir um homem gay bastante afeminado. Era usado de forma pejorativa

⁷ De alguma forma, a resposta dessa projeção está no espetáculo mais recente do grupo, Cabaré Chinelo (2023), que tem conseguido alcançar esse objetivo nas artes cênicas, em temporada a quatro meses e sucesso de público em todas as sessões.

fora da comunidade LGBTQIA+ porém existe um movimento de apropriação do termo a fim de empoderar essas figuras. As teorias da origem dessa denominação têm diversas fontes, entre as mais famosas estão que o termo seja uma versão reduzida de *pão com ovo*, que faz referência a classe social a qual a bicha pertence, ou ainda de que ele vem da onomatopeia do barulho da pipoca quando estoura ou, em outra versão, do som emitido pelos saltos altos (poc, poc, poc). O que nos interessa é que independente da tradução que essa nomenclatura faça, ela define muito bem o tipo de gay e qual o grupo social ele pertence, e ambos os dados só ressaltam o nível de não-aceitação dessas figuras. As *poc's* são a linha de frente da batalha contra a homofobia, pois são as que mais sofrem retaliações por estarem fora do padrão de masculinidade determinado pela nossa sociedade.

As linguagens, a concepção cênica e essa metodologia seriam excelentes formas de trazer à tona um tema espinhoso como a homofobia sob uma perspectiva nova dentro das produções do coletivo. Entretanto, fomos atingidos em 2020 de forma inesperada pela pandemia de Covid-19, que influenciou todo o processo de construção a partir dali. Com o isolamento social que se sucedeu os encontros não poderiam ser mais realizados de forma presencial, as experimentações deveriam ser individualizadas e à distância, e a realização do projeto precisaria ser repensada enquanto cronograma, formato e produção. Além do tema, a prioridade era pensar como poderíamos nos conectar com quem estava em casa, do outro lado da tela, já que não sabíamos quando nossos encontros presenciais voltariam a acontecer da forma como estávamos habituados.

No meio disso, ainda pairavam outras reflexões sobre a nossa sobrevivência enquanto seres humanos, e ainda como artistas. Foi preciso uma grande mobilização para driblar as necessidades que surgiram com a impossibilidade de exercer nosso ofício, e principalmente por conta de um governo que não estava interessado na nossa subsistência. Fomos os primeiros a parar e os últimos a voltar. A sede do Ateliê 23 depois de 5 anos de funcionamento ininterrupto, com temporadas todos os finais de semana, fechou as portas pela primeira vez. Estávamos vivendo um momento sensível a nível mundial. Até nossa forma de comunicação, de fala, precisaria ser revista.

Contudo, mesmo em meio a severas crises financeiras e existenciais continuamos trabalhando. Faz parte da nossa sobrevivência enquanto artistas resistir ao caos e refletir sobre a nova realidade. Nos fizemos presentes enquanto criadores, repensando as formas de conexão, os formatos de nossas obras, e muitas vezes nos colocamos em risco, pois nem sempre o isolamento era uma realidade possível para nós. Com diversos projetos e produções artísticas criadas na sala de nossa casa, ou na cozinha, fomos ao acalento de muitos, enquanto estavam trancados em suas casas. Tomamos cuidados, seguimos à risca todos os protocolos de segurança, até quando fomos forçados a nos encontrar e ainda sim, nós fomos contaminados. Eu poderia não estar hoje aqui contando essas histórias. Poderíamos ter sido eternizados nas peças-filmes, nos clipes, e demais outros (muitos) projetos online que executamos, mas resistimos. Sobrevivemos.

E é a partir dessa sensação de sobrevivência que eu venho contar como que o projeto realmente aconteceu. Como disse o personagem Cooper, no filme *Interstellar* (2014), "nosso instinto de sobrevivência é a nossa maior inspiração".

Uma das metas do Ateliê 23 era investir na produção audiovisual, e essa pareceu a hora certa, já que existia a necessidade da mediação virtual imposta pela Covid-19. Queríamos chegar nas casas das pessoas de forma efetiva e não tínhamos ficado completamente satisfeitos com a adaptação das peças de teatro para a virtualidade, embora tenhamos encontrado soluções interessantes como no caso do espetáculo virtual *Vacas Bravas* [online] (2020), que foi muito bem recebido pelo público. Porém, embora estejam interligados, o teatro e o cinema tem formas muito diferentes de funcionamento no que se refere a criação de narrativas e a recepção do espectador. As artes da cena acontecem no aqui-e-agora, no encontro, e funcionam a partir de códigos que precisam da relação de percepção sensorial entre artista e público, enquanto o cinema manipula essencialmente os signos imagéticos, para além do ator, para alcançar os seus objetivos de conexão com quem assiste. Nesse sentido o teatro se assemelha muito mais a literatura.

Como afirma Demarcy (2012) o teatro reside entre uma relação intermediária entre a linguagem visual escrita e a linguagem visual cinematográfica. A escrita é

capaz de estimular a produção de imagens no imaginário do leitor, dessa mesma forma o intérprete no palco materializa esse estímulo na criação das imagens, porém sem a recepção simples de analogia que o cinema possui.

Portanto o espectador não recebe imediatamente o objeto visto, por adequação, como no cinema, mas tem de ler esse signo visual um pouco da maneira como o faz em relação à escritura, mas sem tanto rigor. é sem dúvida um vaivém complexo entre realidade e convenção total que faz do teatro uma arte original da representação. (DEMARCY apud GUINSBURG, 2012, p.27).

Percebam que quando falo teatro não estou restringindo a linguagem teatral especificamente, estou incluindo todas as produções em artes cênicas do Ateliê 23 que também tem como base as linguagens da dança teatro, dança contemporânea, o teatro musical e musicado brasileiro, entre outras. E exatamente por tanta experiência nas artes da cena é que vinha o desejo de investigar o cinema.

"A Bela é Poc", então, seria uma obra audiovisual!

Qualquer produto audiovisual lida com um fator que nunca havia experimentado nas minhas criações até então: a conclusão. O cinema enquanto produção artística tem fim, e após anos de apresentações de espetáculos que, embora tivessem uma estrutura muito bem estabelecida, sempre eram diferentes por causa do fator efêmero da relação com o público e da organicidade do corpo ser incapaz de executar várias vezes com exatidão os mesmos gestos e movimentos, só havia passado pela sensação de entregar uma obra finalizada ao entregar os quadros que desenhava exclusivamente para alguém.

Imagem 4 e 5: Storyboard de "Glowria"



Fonte: Hamyle Nobre, 2021



Fonte: o autor, 2021

Também sou artista visual, e logo percebi que esse trabalho seria uma união do modo como criava meus quadros e ilustrações e a forma como construímos nossos espetáculos até aqui. O primeiro ofício serviria para entender, selecionar e conectar as imagens, os signos, as cores, formas, lugares etc. Era como criar uma pintura em movimento, um *live-action* dos *storyboards* que desenharia ao imaginar como tudo seria. E o segundo me daria condições de dirigir um trabalho que ainda era uma obra do Ateliê 23, ou seja, todas aquelas motivações iniciais na escrita do projeto, precisavam aparecer em cada frame, movimento, atuação ou elementos que formariam essa obra.

Voltando então para os tópicos que levantaria no "Chá das poc's" para nortear os diálogos que inspiraram a dramaturgia, encontrei quatro pontos: igreja, família, amor e o "eu". Seriam esses os temas principais da obra? Uma única obra seria capaz de abraçar todas as possibilidades desses discursos? Como fazer desse projeto uma ferramenta política grandiosa? Como criar um produto audiovisual que envolva as poéticas do Ateliê 23? Ou melhor, COMO CRIAR UM PRODUTO AUDIOVISUAL? Essas eram questões que eu responderia como muito do meu aprendizado artístico: fazendo. E ainda agregando a equipe do projeto, artistas com mais experiência que eu. Como é o caso do meu assistente de direção Diego Bauer, que me auxiliou na compreensão em criar uma obra audiovisual com seus anos de experiência à fio.

E foi assim que no dia 9 de outubro de 2021, no Teatro Amazonas, nós estreamos presencialmente o projeto "A Bela é Poc" que se dividiu em três obras audiovisuais, norteadas pelos tópicos que eu criara na concepção da gênese de tudo.

Imagem 6: Cartaz de divulgação do curta "A Bela é Poc"



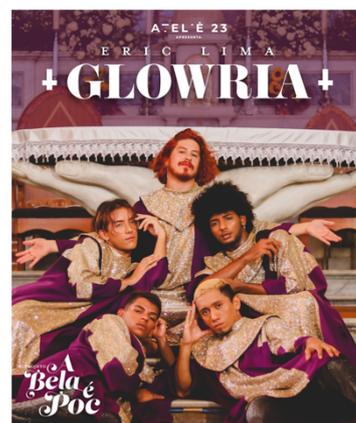
Fonte: Acervo do grupo

Imagem 7: Cartaz de divulgação do videodança "Azul"



Fonte: Acervo do grupo

Imagem 8: Cartaz de divulgação do videoclipe "Glowria"



Fonte: Acervo do grupo

O curta-metragem "A Bela é Poc" traz consigo os tópicos família e amor, além de muitos outros temas importantes que surgiram no desenvolvimento do roteiro. O fato de ser um filme curto de 21 minutos o torna o mais complexo das três obras e isso o faz com que carregue o nome do projeto. Nele acompanhamos a história de Belinho, homem gay, em busca do seu sonho de se tornar um artista até que algumas fatalidades acontecem que o impedem ou o impulsionam a realizar este sonho. Belinho é um personagem fictício que é a síntese de várias histórias reais, ele se tornou a poc que gostaríamos de enaltecer ao criar esse projeto e o reflexo de toda nossa luta contra a homofobia. **ASSISTA O CURTA "A BELA É POC"**



QR CODE 5:
Curta-metragem
"A Bela é Poc" no
youtube

O videodança "Azul" foi criado a partir do tópico "eu", trazendo os conflitos pessoais que os gays, assim como vários LGBTQIA+, tem consigo mesmo. O famoso "sair do armário" sob uma perspectiva pessoal, onde o encontro com o seu próprio eu da infância provoca uma ruptura nas ideologias criadas até aquele momento. O universo azul sufocante aos poucos vai se tornando um lugar de acolhimento próprio e aceitação de si. **ASSISTA AO VIDEODANÇA "AZUL"**



QR CODE 6:
Videodança
"Azul" no
Youtube

O videoclipe "Glowria" é resultado do tópico "igreja" e é baseado em tudo que lhes contei no livro de Gênese, esta obra é a mais autobiográfica dos três. E é sobre ela que vamos falar a partir daqui.

3.3. A CRIAÇÃO DE GLOWRIA

Glowria é uma obra que traz à tona o tema da homofobia sobre a perspectiva da intolerância religiosa no cristianismo, que atinge muitos homossexuais que tentam exercer sua fé, ou simplesmente sofrem com os ataques de quem usa da religião

como justificativa para oprimir e violentar quem não segue os preceitos e dogmas da igreja cristã.

Antes de me aprofundar nas escolhas da criação do videoclipe, gostaria de evidenciar a influência do isolamento social na construção dessa obra. Muito antes de trazer minhas propostas para o coletivo, eu criei tudo comigo. Sozinho. Tudo era sobre mim. As influências dos filmes que eu assistia quando criança, das músicas que eu escutava, o lugar que era a vista da janela da minha casa, os figurinos que eu desenhei baseados no que eu gostaria de usar; todas as escolhas partiram das minhas subjetividades e do encontro do meu eu atual, com a minha memória. Isso, de alguma forma, dificulta o compartilhamento das motivações de alguns pontos do processo por não existir, para mim, uma justificativa palpável para a sua existência. E por um tempo eu, que tanto valorizava os processos de criação em coletivo, acabei não me orgulhando de algumas etapas da criação de “Glowria” por parecer muito solitária. Mas era isso. Estávamos todos passando por algo absurdo juntos, porém sozinhos. Nessa solidão eu pensava obsessivamente sobre como trazer à vida este projeto, sem ter como compartilhar com ninguém, além do meu namorado em casa que me ouvia cantando às 3h da madrugada tentando compor algo que fazia sentido para mim. Estávamos todos tateando em como compartilhar essas fagulhas criativas por meios virtuais e comigo não foi diferente. Portanto, caso haja lacunas, gostaria de dizer que em “Glowria” estão meus sentimentos mais profundos, até mesmo para mim. Aqui temos um passo em trazer a superfície os pontos principais dessa criação.

Gravado na Igreja do Largo de São Sebastião, localizada na cidade de Manaus, Estado do Amazonas, com a autorização do frei responsável, o clipe traz um jovem que está em um lugar sagrado para conversar com Deus. A partir disso ele expressa seu diálogo através da dança dentro desse ambiente católico.

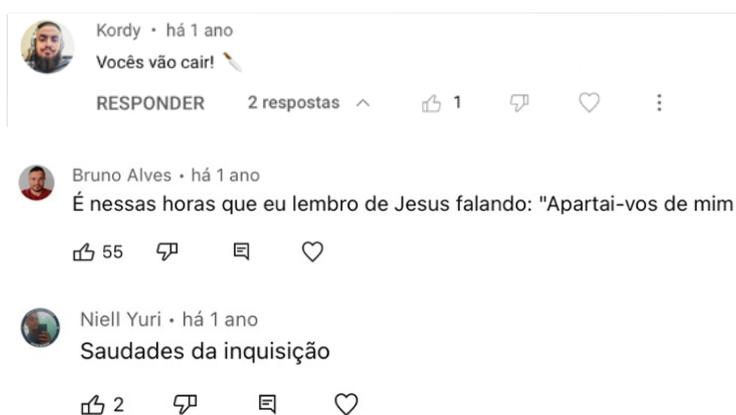
Há também outro cenário, onde satiriza-se a relação do cristão (nesse em uma perspectiva protestante) com a tentação de Satanás, representado pelo anjo coberto de purpurina. O terceiro cenário proposto finaliza a obra em um ambiente que nos conduz para um paraíso idealizado onde vários gays habitam e festejam neste lugar, uma “realidade”, dita por muitos fiéis, impossível de ser alcançada. Tudo isso regado

a uma estética que traz características fundamentais de identificação da cultura gay, assim como a poética do Ateliê 23.

A obra não pretende somente apontar dedos, criticar o cristianismo em si ou agir de forma desrespeitosa sobre as crenças de cada um, como podemos ouvir na letra da música que guia o clipe, o que se pretendia era provocar reflexão sobre os atos de violência de alguns fiéis e conservadores e falar sobre os crimes cometidos contra a comunidade LGBTQIA+ que se respaldam na sua interpretação pessoal dos dogmas religiosos. E mais ainda, sobre de que forma em meio aos altos índices de preconceito existentes a população LGBTQIA+ consegue desenvolver sua fé e desenvolver sua espiritualidade, sem a sombra de que alguma violência o atinja.

Como era esperado, *Glowria* recebeu uma retaliação por parte de alguns fiéis da igreja, campanhas para *deslikes* e muitos comentários, alguns deles criminosos, foram postados em grande parte inclusive de forma anônima. Estamos falando de mensagens como o exemplo abaixo e muitos desejos pela morte do elenco, tudo em nome de Deus.

Imagem 9, 10 e 11: Comentários no videoclipe "Glowria" no Youtube



Fonte: Canal do Ateliê 23 no Youtube, 2023

Como você deve ter visto ao assistir o videoclipe, nenhum ato legalmente tido como "obsceno" aconteceu dentro da Igreja, nenhum símbolo sagrado foi profanado, inclusive, tudo foi gravado sob o acompanhamento dos responsáveis do lugar,

portanto, nada justifica o tamanho da violência recebida. Logo percebemos que o incômodo está na simples presença de corpos gays dentro de espaços "sagrados".

Com essa violência o clipe se mostrou mais uma vez necessário, pois trouxe à tona o comportamento exato que questiona na letra da própria música. E para entendermos melhor os fatores que fizeram com que essa reação fosse possível, vamos acompanhar parte do processo criativo, ao analisar algumas escolhas importantes para que tirássemos de debaixo do tapete todo esse debate.

3.3.1. Me recompondo

A composição da letra de "Glowria" foi um processo de revisitar as violências que passei, que você pode ter uma noção com o que eu lhe contei. E eu que havia criado pouquíssimas músicas para contextos específicos, não podia negar que, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, congregação a qual eu fazia parte, se debruçava profundamente nos estudos em música. Então nada melhor que usar esse arcabouço para, enfim, falar o que precisava ser dito.

Eu gostaria, então, de criar um hino. Se você procurar a definição de "hino" no Google você vai encontrar a seguinte definição segundo Oxford Languages (2023): "canto solene em honra da pátria e/ou defensores" ou ainda "poema ou cântico composto para glorificar deuses ou heróis". Era permeado por esse desejo de um ato heroico "dom quixotiano" que as todas as frases nasceram como num vomitar, no bloco de notas do meu celular. No dia 22 de março de 2021 enviei a letra e o áudio cantando o esboço do que logo viria a ser a canção oficial para o Wilas Rodrigues, músico que fez comigo a composição da melodia.



QR CODE 7:
Mensagem de
áudio do autor
para Wilas

Alguns dias depois, 28 de março de 2021, Wilas me devolveu a canção com uma parte do que viria a ser o refrão e a base de toda a canção a partir dali.

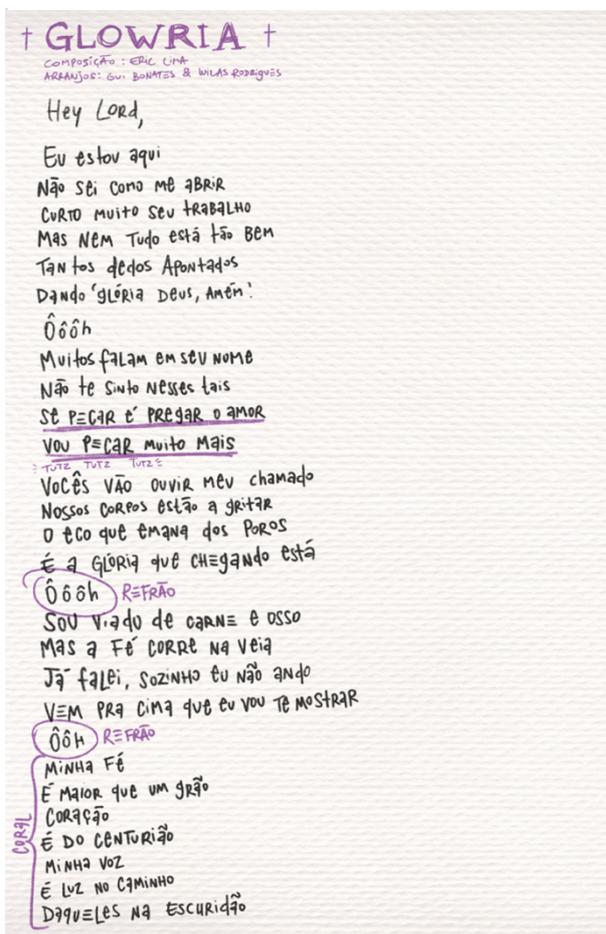


QR CODE 8:
Mensagem de
áudio de Wilas
para o autor

Após a criação dessa base, toda a responsabilidade foi jogada no colo do meu amigo, parceiro e produtor Guilherme Bonates que recebeu esse áudio com outras três referências musicais e um pedido por uma sonoridade noventista. Ele tinha exato um mês para criar todas as camadas melódicas musicais, para que a coreografia pudesse ser criada e assim a gravação do videoclipe pudesse acontecer. Exatamente nessa ordem.

E assim “Glowria”, enfim, nasceu.

Imagem 12: Arte com composição da canção “Glowria”



Fonte: O autor, 2021

Existe um forte teor autobiográfico em toda composição onde eu crio e me recrio a partir de várias inquietações, e refletindo sobre esse desenho de uma espécie de "novo eu" que a música soava, me senti contemplado pela colocação de Lejeune (2014) sobre o colocar-se por escrito, onde ele afirma que o fato de você criar uma narrativa sobre si, não faz com que isso seja uma mentira, uma ficção,

é claro que ao tentar me ver melhor, continuo me criando, passo a limpo os rascunhos de minha identidade, e esse movimento vai provisoriamente estilizá-los ou simplificá-los. Mas não brinco de me inventar. (p.121)

É isto, não me inventei. Ainda era eu em cada palavra daquele texto/dramaturgia/composição; inclusive quando trazia um contexto em que “somente” me sentia representado, como no trecho do centurião.

O trecho que diz "[meu] coração é do centurião", em específico, faz referência ao caso do centurião de Cafarnaum que pode ser o único registro bíblico entre Jesus e um homossexual. O milagre da cura do servo do centurião encontra-se narrado por Mateus, Lucas e João, com diferentes versões, ao que parece Mateus emprega a palavra grega *pais*, para referir-se ao servo. Este é um termo que tem vários significados, e pode ser traduzido e interpretado como um pupilo jovem cujo proprietário mantém favores sexuais, uma prática muito comum no antigo império romano. Este é um achado muito interessante em um contexto sedento por representatividade, e em uma tentativa de intimidade nesse diálogo com Deus, gostaria de dizer-lhe que já nos encontramos antes.

Gostaria, ainda, de compartilhar algo sobre as transformações que a obra, enquanto música, foi capaz de fazer mesmo durante o processo. Convidei alguns amigos de um coral chamado “Vocal Wonder” para fazer os *backing vocals*, e apesar de não se intitularem um grupo gospel, suas experiências mais comuns eram voltadas para esse estilo musical.

As contribuições deles para as composições vocais da obra foram fantásticas e após a gravação no estúdio o líder do grupo e um amigo querido, Queni Lopes, me enviou uma mensagem de áudio sobre sua participação na música.



QR CODE 9:
Mensagem de
áudio de Queni
para o autor

Queni é gay, casado com Alexandre, que também integra o vocal, e líder de um grupo musical que tinha forte presença na cena gospel da cidade. Eu não sabia o que ele poderia estar passando, mas eu imaginava como ele estava se sentindo, logo, fiquei ansioso para que a obra pudesse chegar em outros como chegou nele.

A canção de Glowria foi gravada em maio de 2021, e poucas semanas depois foi a vez do videoclipe. E sobre este nós vamos falar agora.

3.3.2. “Take Me to Church” (de Hozier)

A escolha da locação principal se deu a partir da ideia de que, para a grande discussão da homofobia dentro de espaços religiosos, precisaríamos de um lugar à altura. Soares (2021) cita que "são necessários estímulos cada vez mais poderosos para que “as pessoas que vivem em uma sociedade anestesiada sintam que estão vivas (...) uma sociedade analgésica aumenta a demanda por estimulação dolorosa” (Illich apud Ardenne, 2006, p. 21). Se existia um lugar que coubesse a mim e todas as almas de milhares de irmãos LGBTQIA+, que sofreram durante os séculos em que a igreja massacrava tantos inocentes, eu desconheço. Faltariam hectares, porém, uma das maiores e mais importantes paróquias de Manaus seria a escolha perfeita para simbolicamente servir de palco para o levantamento dessas questões.

Imagem 13: Igreja do Largo de São Sebastião



Fonte: Hamyle Nobre, 2021

Localizada em frente ao Largo de São Sebastião, e vizinha do grandioso Teatro Amazonas, ela foi inaugurada em 1888, e elevada à categoria de paróquia em 1912. Em 1988 foi tombada como Patrimônio Histórico pelo Conselho Estadual de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico do Amazonas (CEDPHA). Com mais de 130 anos, e um estilo que transita entre o gótico e o neoclássico, o templo é permeado de vitrais europeus e painéis influenciados pelo estilo da belle époque manauara.

Mas além da sua localização estratégica, pela proximidade com o símbolo do teatro, da conexão com a belle époque, que o nome do projeto "A Bela é Poc" satirizava, e da sua grandiosidade exuberante, que provocaria o impacto visual necessário para levantar nossas questões, um outro ponto importante foi levado em consideração na escolha dessa igreja em específico; o santo que ela homenageia: São Sebastião.

3.3.2.1. *O padroeiro dos gays*

Sebastião era um soldado da guarda do imperador de alto posto militar, converteu-se ao cristianismo secretamente e fazia visitas aos cristãos presos que aguardavam para serem levados para o Coliseu onde seriam devorados pelos leões ou mortos em lutas com os gladiadores, o objetivo era consolá-los falando sobre a salvação segundo os preceitos do cristianismo. Ao ser descoberto, foi obrigado a renunciar a religião perante o imperador, como não o fez, foi amarrado em uma árvore e executado a flechadas. Ele sobreviveu ao ataque e continuou pregando o evangelho escondido até que decidiu conversar com o imperador com quem tinha intimidade para pedir que acabasse com a perseguição aos cristãos. Seu pedido não foi aceito e ele foi açoitado até a morte e teve seu corpo jogado no esgoto público de Roma.

São Sebastião sendo um cristão que não teve medo de se assumir cristão, assim como muitos homossexuais hoje precisam ter coragem para fazer o mesmo quanto a sua sexualidade, fez com que a comunidade o acolhesse ganhando o título de "padroeiro dos gays", entretanto, esse não foi o único motivo que fez o santo receber esse título ao longo dos anos.

Kaye (1996) no seu artigo *Losing his religion: San Sebastian as a contemporary gay martyr*⁸ apresenta o santo como um símbolo de luta e resistência por membros da comunidade LGBTQIA+ por ser um cristão sem medo de assumir suas batalhas, ademais, existem relatos que apresentam Sebastião como "muito amado pelos imperadores" o que o faz acreditar que ele mantinha uma espécie de vínculo emocional com seus oficiais, insinuando que ele poderia ter sido, portanto, amante de alguns imperadores.

Além disso, existem algumas leituras sobre a forma como ele é representado. A iconografia sacra, principalmente a partir do Renascimento, passou a mostrá-lo como um jovem atlético, mostrado com as flechadas em seu corpo, retratado praticamente nu, indo ao encontro da representação de um ideal homoerótico bastante comum da época.

Imagem 14, 15 e 16: Obras "O martírio de São Sebastião"



Fonte: Peter Paul Rubens, 1608



Fonte: Peter Paul Rubens, 1608



Fonte: Guido Reni, 1600

⁸ Em tradução livre "Perdendo sua religião: São Sebastião como um mártir gay contemporâneo".

Ainda sobre essa representação do santo, Mengali (2018, p.74) levanta um curioso ponto: "Por que São Sebastião, tendo sido também soldado e guerreiro, não possui a mesma simbologia de virilidade e machismo que o Santo do Dragão?". Realmente quando olhamos para a imagem mais comum de Sebastião, fortalecida principalmente no Renascimento, vemos um homem forte, porém vulnerável, frágil com aspecto de passividade perante as flechadas do seu corpo. Para justificar isso o autor explica ao observar suas biografias antigas, percebemos que ele tinha forte poder de persuasão, tanto como soldado, quanto "para animar cristãos indecisos e converter pagãos". São Sebastião portanto é aquele que ganha as pessoas com a palavra, e convence com o diálogo, e não com a luta, como São Jorge.

Assim, nesses tempos de valores espirituais, religiosos, humanos e sociais tortos, São Sebastião torna-se um grande modelo e uma imagem muito interessante de explorar numa obra que pretende dialogar, refletir e transformar, de fato, a dura realidade imposta a nós. Logo, a Igreja de São Sebastião se tornara o cenário perfeito para abraçar esse debate, tanto por ser um templo, quanto por ser em homenagem ao santo patrono dos gays.

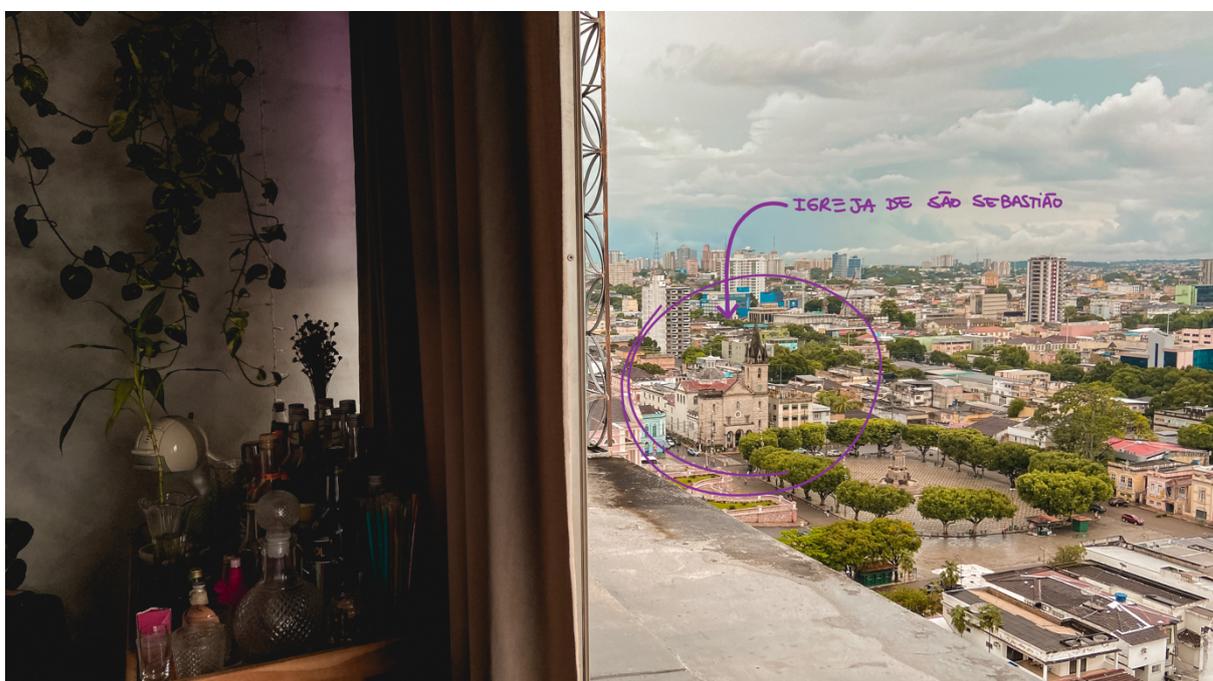
3.3.3. Memória, espaço e corporeidade

Chevalier e Gheerbrant em seu Dicionário de Símbolos (2016) definem templo "como que réplicas terrestres dos arquétipos celestes", desse modo, sendo a habitação de Deus na terra com uma arquitetura construída à imagem da representação do divino. Por este motivo, se fazia necessário estar dentro da igreja para mostrar a conexão. O objetivo era encarar frente a frente a divindade para questioná-lo sobre as violências cometidas a população LGBTQIA+, e a única forma de ouvir uma resposta confiável era falando diretamente com Deus. Foi o que quis dizer no trecho da música que diz *"Muitos falam em seu nome, não te sinto nesses tais, se pecar é pregar o amor, vou pecar muito mais"*.

Protegido por São Sebastião e pelo frei, comecei a pensar sobre como as dramaturgias cênicas e imagéticas poderiam ser criadas dentro daquele espaço. Corrêa (apud Rebouças 2009, p.145) nos diz, ao estudar as escalas dimensionais dos

templos religiosos, que igrejas de grande porte suscitam um significado específico para aqueles que a contemplam. Segundo ele, a escala expressa poder, supremacia. Estávamos saindo da segunda onda da covid-19 quando visitei a Igreja pela primeira vez. Ela faz parte da vista da janela da minha casa, então era curioso enfim entrar no lugar que antes eu costumava fitar nos longos dias em que passamos trancados. Lembro de sentir exatamente o que Corrêa disse, e observei aquela grandiosidade pensando na relevância e no tamanho da responsabilidade da nossa estadia naquele local.

Imagem 17: Vista da janela da casa de Eric Lima no centro de Manaus



Fonte: O autor, 2022.

Voltei a igreja algumas vezes, somente para ficar sentado, estudando visualmente os lugares que poderíamos habitar, testando discreta e mentalmente os ângulos mais interessantes para o enquadramento das cenas. Ao começar a entender a divisão dos espaços internos descobri que as igrejas católicas seguem, historicamente, um padrão específico com base na cruz e são divididas, em sua maioria, em duas áreas: a nave, onde os fiéis são permitidos e o presbitério, que é restrito ao clero e ao coro. De alguma forma estávamos dessacralizando a igreja trazendo-a para o contexto da representação teatral, porém como ela continuaria com seu signo primário, ou seja, ela ainda seria uma igreja, pensamos que seria melhor aproveitar esses códigos de onde e como poderíamos, ou não, estar. Caso contrário,

poderíamos abusar mais da sua estrutura enquanto edifício como em "O Paraíso Perdido", espetáculo inaugural do repertório do grupo Teatro da Vertigem encenado pela primeira vez em 1992, na igreja de Santa Ifigênia, em São Paulo.

No nosso caso a ideia de um coral gospel parecia uma solução mais interessante para que pudéssemos transitar por alguns espaços, afinal nossa simples presença naquele lugar já teria forte atuação. Seríamos vistos de outra forma. Os lugares trazem uma grande significação para os corpos que os habitam, pois o contexto espacial participa ativamente da forma como interpretamos os sujeitos. Para entender isso, Gusmão (2021) nos convida a pensar sobre os bairros onde, a depender da sua localização, podem enobrecer os corpos que o habitam, ou marginalizá-los.

Imagem 18: Intérpretes na gravação de "Glowria"



Fonte: Hamyle Nobre, 2021

Ao assistir o clipe, logo se percebe as distintas possibilidades de discursos que os corpos que compuseram o elenco de intérpretes/bailarinos carregam. Somos todos pocs, bichas, viados, brancos, caboclos, pretos, nortistas e nordestinos com experiências de vida e corporais diversas. Ao nos colocar em pé de igualdade ao tamanho daquele edifício, humanamente construído para aqueles que nos oprimiam e que há pouco tempo nos proibiam de adentrar em locais como este, percebemos o ato político que já se desenhava desde os meus *storyboards*.

Imagem 19: Comparação de *storyboard* com o clipe



Fonte: O autor

O fator que possibilita essa relação de significado dos corpos em seus espaços é a conexão com a memória. Ricoeur (2007) diz que nosso movimento e percepção no espaço somente são possíveis porque executamos uma espécie de transferência da memória corporal para uma memória dos lugares, assim, completa Gusmão, "falar de memória significa falar de experiências que ocorrem em contextos espaciais, sendo que esses lugares funcionam como uma espécie de receptáculos das camadas da memória, desde aquelas mais íntimas até aquelas mais coletivas" (2021, p.73).

Para além de nossos corpos estáticos, nossos gestos e movimentos refletiam nossos lugares de origem e agora inseridos dentro de um contexto distinto e distante da nossa realidade nos fez recriar os códigos estabelecidos anteriormente a nossa presença ali.

Era preciso ressignificar nossas memórias, e potencializá-las a fim de trazer nossas dores para os movimentos que seriam dançados naquele templo, que outrora nos foi negado. Corbin (2012, p.330) fala que "a dor é uma experiência subjetiva, um evento psicológico, que se inscreve no corpo e modela a memória", então, o precisava ser dito para além da dramaturgia/desabafo existente na letra da música, seria feito através da nossa linguagem corporal.

Imagem 20, 21 e 22: Bastidores da gravação de "Glowria" na Igreja de São Sebastião



Fonte: Hamyle Nobre, 2021

3.3.4. Pose de anjo

O leque de possibilidades vindo de nossas identidades é vasto e a potência que os discursos dos nossos corpos trouxeram pela simples presença nesse lugar foram suficientes para tremer as bases de qualquer cristão conservador.

Quando convidei meu amigo Victor Venâncio para coreografar junto comigo essa obra, pensei em toda contribuição que suas experiências na dança trariam para esse trabalho. Agregar as danças urbanas, a dança contemporânea e principalmente, o *voguing* a esse trabalho era uma forma política de criar um discurso que ainda não fosse falado verbalmente, seria imprimido na imagem das nossas movimentações.

Imagem 23 e 24: Victor Venâncio, coreógrafo e intérprete



Fonte: Hamyle Nobre, 2021



Fonte: Hebe Raquel, 2021

O *voguing* é um estilo de dança criado pela comunidade *queer* periférica estadunidense por volta dos anos 80. Em seus bailes, chamados de *ballrooms*, gays rivalizavam de forma saudável através de adereços e movimentações que evocavam suas subjetividades marginalizadas e ignoradas, até mesmo dentro da luta pela causa que acaba por privilegiar um padrão de gays brancos cosmopolitas nova-iorquinos. Ainda que essas lutas fossem de suma importância e as conquistas fossem muitas,

nem sempre essas vitórias alcançavam uma parte da população que continuava a ser segregada dentro de uma realidade racista, classista e discriminatória.

Esse estilo de dança, hoje famoso e amplamente difundido, criou seus gestuais com base nas poses das divas ícones da comunidade gay na segunda metade do séc. XX. Gusmão (2021, p.65) nos explica que essa ideia de celebridade surgiu na primeira fase do cinema, “mas somente na sua segunda fase que o *star system* (isto é toda a cadeia de produção e consumo que envolve a imagem de uma personalidade) se tornou parte fundamental da consolidação ideológica desse período”, fazendo com que essas ideias “divônicos” fossem criados e tão difundidos. Foi nesta segunda fase do cinema, no pós-guerra, que a produção cinematográfica dos Estados Unidos se destacou, fazendo com que seus atores e atrizes se tornassem modelos de vida a serem alcançados, a partir da venda bem-sucedida do conceito ideológico do "estilo de vida americano".

Todo esse movimento de consumo provocou na comunidade gay periférica da época uma "projeção-identificação" que fez com que essas imagens de divas hollywoodianas fossem incorporadas ao seu gestual, movimentações e performances nos *ballrooms*, criando, de fato, um desdobramento artístico onde seu status era questionado e a sua realidade modificada sob um novo olhar em um novo espaço. Gusmão ainda completa:

A paródia encenada no *ball scene*, não consistiu na mera cópia de um ideal, mas na capacidade de o performer estilizar no seu corpo a imagem célebre a qual se propõe incorporar. O contexto de exclusão da comunidade gay periférica de todos os espaços de sociabilidade provocou um desejo de expressar com o corpo toda a subjetividade contida. (2021, p.65)

O desejo pungente de expressar subjetividades pela transferência da nossa memória pela materialidade corporal, com uso de referências pop e utilizando do espaço urbano é o que fez do *voguing* a escolha perfeita para a criação coreográfica que seria executada no videoclipe.

O *voguing* é uma das comprovações que há forma de existência na cidade para além da métrica homogeneizante do racionalismo, pois se expressa pelas fronteiras consensuadas de gênero e rabisca o espaço público com corpos precários. (ibid. p.89)

E foi assim que fomos criando cada passo das coreografias, aproveitando nossas vivências enquanto bailarinos, mas acima de tudo trazendo as nossas histórias para o cerne da criação gestual. Todos contribuíram na criação, onde era colocada a música o mais alto possível, como nos *ballrooms*, para que ela servisse de apoio para o nascimento de uma linguagem exclusivamente corporal, que não se apoiasse na fala.

Esse trabalho meticuloso de composição coletiva precisava de sintonia de todos nós, pois cada criação era mediada sob o meu olhar enquanto diretor, e do Venâncio com coreógrafo, além do Ramon Ítalo como diretor de fotografia. Existia além da coreografia evidente do elenco presente nas imagens, uma outra coreografia de quem manipulava a câmera, Ramon precisava saber cada desenho de cena, cada passo e direção da coreografia para entender como ele captaria essas imagens. A movimentação dele determinaria muitas das sensações que o espectador teria. Afinal, diferente de um espetáculo onde você é o observador autônomo, no cinema a visão fica restrita a forma como o fotógrafo e o diretor enxergam a obra.

Imagem 25 e 26: Ramon Ítalo, Dan Stump, Eric Lima e elenco revendo imagens da gravação



Fonte: Hamyle Nobre, 2021

No plano sequência (3'3" - 3'20") que vamos observar agora, por exemplo, você pode visualizar que a dinâmica da câmera foi criada durante os ensaios. A partir do meu olhar enquanto diretor, fomos costurando os movimentos criados individualmente, entendendo a dinâmica espacial e seu diálogo com a câmera. Nos

ensaios com uma câmera de celular eu fiz a criação da "coreografia" da câmera que posteriormente seria passada para o fotógrafo. **ASSISTA O VÍDEO A SEGUIR.**



QR CODE 10: Vídeo comparativo da coreografia no plano sequência

Esse trecho mostra o detalhamento de 15s de um clipe de mais de 6 minutos, o que denota o trabalho meticuloso de criação que foi necessário para criar cada momento e frame do vídeo. Foram incessantes testes e experimentações até obter a sensação audiovisual que procurávamos. A dança acontecia também na imagem, tendo a câmera o poder de seleção onde o todo muitas vezes não precisa ser levado em consideração. Ao estar em um espetáculo você precisa estar inteiro, dos pés à cabeça pois o espectador o vê por completo, ainda que a luz escolha recortar alguma parte. Na filmagem é preciso potencializar o que se quer, e isso significa fazer escolhas muito bem delimitadas, e dentro desse aspecto, ela é capaz de exacerbar detalhes como nossos olhos jamais fariam.

Um ponto que definiu muito do processo coreográfico também foi essa dimensão da espacialidade. Diferente dos espetáculos que havia dirigido, eu não tinha o espaço à minha disposição para investigar quais as possibilidades de uso dele durante o processo de construção das cenas, então, estudá-lo por meio da observação era fundamental para nos apropriar daquela arquitetura. Rebouças diz que "no trabalho de apropriação do espaço - e levando em consideração a sua arquitetura, a sua atmosfera e as pessoas que o circundam - conseguimos projetar novas possibilidades para as personagens." (2009, p.58).

Embora a igreja tivesse grandes proporções arquitetônicas, os espaços onde poderíamos transitar e que tinham potencial para serem lugares de atuação eram estreitos. Até porque era do nosso interesse manter a igreja na sua formatação convencional, por ser uma forma de contenção de danos aos equipamentos dela, e ainda pela simbologia sacra que o clipe dialogaria. Logo, os ensaios começaram a acontecer em espaços reduzidos, como se pode observar no vídeo anterior, aquele

Como já era de se esperar, assim como no *voguing*, muitas divas, e divos, nos guiaram nesse percurso criador também. Freddie Mercury, Madonna, Lady Gaga, Christina Aguilera nos influenciaram tanto nas suas transgressões ao sagrado, nas propostas visuais, nas movimentações e gestuais, como nas propostas sonoras que transitam entre o *beat* marcado do *dance* e a ampla extensão vocal. A imponência de Maria Bethânia, a rebeldia nos palcos e nas composições de Gal Costa, Rita Lee e Caetano Veloso, os vocais potentes e provocadores de Elza Soares, e a visceralidade e irreverência de Madame Satã também são norteadores para a construção de todo posicionamento político em forma de arte de “Glowria”.

Naturalmente para a construção de uma obra audiovisual, filmes são quase uma primeira fonte de inspiração e nesse caso lembrar do filme *Mudança de hábito* (1992) foi inevitável. Na trama temos uma cantora da noite que precisava se passar por uma freira para fugir de seu ex-namorado abusivo, e nesse papel ensaia um grupo de jovens desajustados que numa grande reviravolta fazem uma apresentação emocionante, com vocais de arrepiar. Impossível ouvir “Oh happy day” e não lembrar instantaneamente da imagem de Whoopi Goldberg empolgada com a nota mais alta do gay tímido do coral. Além da ascensão dos rejeitados, o próprio nome do filme, em português, ecoado em nossas memórias nos anúncios da sessão da tarde, era exatamente o nosso objetivo: provocar uma mudança de hábito.

Imagem 28: Construção do figurino de “Glowria”



Fonte: O autor (croquis) / Hamyle Nobre, 2021

Todas essas inspirações possibilitaram a criação de outros três cenários além do “Cenário Igreja”, que seriam igualmente importantes para o discurso completo da obra: “Cenário Queda”, “Cenário Protestante” e o “Cenário Paraíso”. Juntos eles formam um arsenal de possibilidades de ampliação do discurso e de desdobramentos possíveis para as narrativas entre o gay e a religião cristã.

3.3.5.1. *Cenário Queda*

Este cenário é pautado na figura de Lúcifer, simbolizado pelo lindo anjo roxo purpurinado, interpretado por Venâncio, onde mostramos a expulsão desse anjo do paraíso. Na negação da nossa possível relação com o divino, perante as religiões cristãs, encontramos, enquanto gays, identificação na história Lúcifer, afinal, segundo a Bíblia diz em Isaías, ele foi condenado por querer se igualar a Deus e nosso objetivo enquanto sociedade é exatamente essa busca equidade dos direitos.

Imagens 29 e 30: Victor Venâncio como Lúcifer no “Cenário Queda”



Fonte: Hebe Raquel, 2021

3.3.5.2. *Cenário Protestante*

Para criar o "cenário protestante" voltei à ideia inicial do projeto onde usaria a linguagem cabaré na construção da obra. Segundo Streva (2020), uma das características principais do cabaré, enquanto linguagem, é a sátira, e particularmente é uma das características principais de ser gay também. Criamos portanto, a "drag-crente", uma persona que lutaria avidamente contra a tentação de Lúcifer. Enquanto corporeidade essa figura traz muitas referências do gestual do movimento "Reteté", muito comum em igrejas pentecostais periféricas, e consiste em demonstrações de emoções de modo exagerado que, de acordo com os seus praticantes, são "manifestações do Espírito Santo de Deus". Cantar, dançar desorientadamente, pular, gritar, rolar no chão, girar, entre outros movimentos aleatórios, são algumas das características típicas do "Reteté", que vai de encontro a preservação da ortodoxia doutrinária. Aqui a "drag-crente" se permeia das memórias, dentro dos conceitos que falamos anteriormente, e traz na sua composição referências de tias, avós e conhecidas de vários de nós que nascemos em igrejas de bairro, que não perdem a oportunidade de apontar dedos e ditar regras à nossa comunidade.

Imagem 31 e 32: Eric Lima caracterizado da personagem 'dragcrente'



Fonte: Hamyle Nobre, 2021

3.3.5.3. *Cenário Paraíso*

Para o terceiro e último dos cenários tivemos uma união de inspirações. A primeira, e mais simples, é fruto do imaginário coletivo que aquela imagem de um jardim bonito, presente naquele calendário pendurado na sala, é responsável.

Imagens 33, 34, 35 e 36: Intérpretes no cenário 'paraíso' do videoclipe "Glowria"



Fonte: Hamyle Nobre, 2021

Outra inspiração são as representações do Jardim do Éden de Thomas Cole (1828) e Jan Brueghel (1612), e por fim temos as estéticas neopagãs que fazem referência a esse culto festivo à natureza, à Dionísio, à Litha, que se assemelham mais a obra Jardim das Delícias Terrenas (1504) de Hieronymus Bosch e podem ser vista de forma mais acessível em filmes como *Midsommar* (2019) ou em videoclipes de artistas como Florence Welch e Aurora. Encontrar um paralelo entre a iconografia de paraíso cristão e o ritualismo neopagão politeísta é ápice ecumênico que o clipe precisa para finalizar a discussão religiosa que inicia. Os movimentos nesse momento do clipe são mais soltos, improvisados, trazendo muito mais códigos da dança contemporânea, da dança livre e do aspecto ritualístico, é o momento de celebrar a elevação das almas gays que enfim encontraram um lugar de repouso.

Imagens 37 e 38: O Jardim do Éden



Fonte: Thomas Cole, 1828



Fonte: Jan Brueghel, 1612

Imagens 39: O Jardim das Delícias Terrenas



Fonte: Hieronymus Bosch, 1504

Os outros cenários só potencializam o não pertencimento semiótico dos nossos corpos ao "cenário do templo". O que era de se esperar já que a igreja não vê com bons olhos a expressão do corpo por meio da dança há séculos. Sabemos que atualmente existem alguns grupos dentro das igrejas protestantes, comumente chamados de "ministério da dança", que trabalham essa corporeidade, mas, mesmo que permitido, a igreja católica conservadora sempre viu com maus olhos essa manifestação cultural.

A hostilidade à dança, demonstrada pelos clérigos rigoristas na primeira metade do século XIX, está ligada à preocupação. O mesmo vale para a vontade do pároco de controlar todas as manifestações festivas da juventude dentro de sua paróquia. O Cura d'Ars acreditava entrever o diabo deslizando entre os corpos dos jovens arrastados pelos músicos. [...] Veremos a atitude hostil do clero em relação a todas as formas de sexualidade imagináveis. (CORBIN, 2012, p.73)

O autor ainda nos diz que a própria prática do culto em si é uma escola da prática do silêncio, que frequentamos desde a tenra idade, mais amplamente, "a prática do culto católico, mesmo fora dos conventos, leva a um domínio dos gestos, um controle das modalidades de atenção e acolhida das mensagens sensoriais." (ibid, p.93).

Esta forma de controle não é algo exclusivo da igreja católica (acredito que é quase de se admirar que, com seu histórico, hoje ela tenha líderes que se proponham a refletir sobre suas injustiças), segundo os dogmas da Igreja Adventista do Sétimo Dia, esses pensamentos ainda encontram força e respaldo nas citações de Ellen White (2002), autora e profetiza dos cristãos adeptos dessa religião. Veja a seguir o que diz o livro Mensagem aos Jovens, com trechos de escritos de mais de duzentos anos, que ainda hoje são seguidos cegamente pelos fiéis.

O verdadeiro cristão não desejará entrar em nenhum lugar de diversão nem se entregar a nenhum entretenimento sobre que não possa pedir a bênção divina. Não será encontrado no teatro, e nos salões de jogos. Não se unirá aos alegres valsistas, nem contemporizará com nenhum outro enfeitante prazer que lhe venha banir a Cristo do espírito. Aos que intercedem por essas distrações, respondemos: Não podemos com elas condescender em nome de Jesus de Nazaré. A bênção de Deus não seria invocada sobre a hora passada no teatro ou na dança. Cristão algum desejaria encontrar a morte em tal lugar. Nenhum quereria ser encontrado aí, quando Cristo viesse. (p.398)

Sabemos que o teatro e a dança, assim como qualquer outra obra de arte tem o intuito de provocar reflexão, ao ler o texto acima, vejo um convite no sentido oposto ao de pensar a sua realidade. As semelhanças entre a igreja do século XIX e as ideologias de alguns cristãos conservadores de hoje são muitas. As fogueiras ainda são acendidas, porém de outras formas. Essa privação de gestos, sentidos, prazer e até de pensamento reflexivo pode gerar consequências que recaem sobre os corpos marginalizados pela sociedade, como nós, gays. E é sobre essas consequências que vamos conversar no próximo capítulo.

Atos dos apóstolos
Atos dos apóstolos
Atos dos apóstolos
Atos dos apóstolos

4 ATOS DOS APÓSTOLOS

Imagem 40: Tirinha da webcomic “Um Sábado Qualquer”



Fonte: Carlos Ruas, 2022

Começo o livro de Atos com essa tirinha maravilhosa de Carlos Ruas, criador da *webcomic* “Um Sábado Qualquer (USQ)”, que aborda, de forma satírica, temas relacionados à religiões, especialmente ao cristianismo. Nesta, em específico, me sinto contemplado com a ironia, visto que é dessa forma que eu enxergava as respostas negativas de fiéis conservadores no videoclipe de “Glowria” logo após a sua estreia. Tamanho era o engajamento dos cristãos conservadores que diversas contas foram criadas para deporem contra a permanência do vídeo na plataforma do *Youtube*, sermões foram dedicados a (não) exibição do clipe, e boa parte do engajamento do clipe, que chegou a mais de trinta mil *views* em alguns poucos dias, era graças ao compartilhamento da campanha criada contra a nossa obra.

A reação era, em algum nível, esperada. Sabíamos o tamanho do discurso que estávamos levantando e tínhamos consciência de que nossa entrada em uma das mais importantes igrejas de Manaus alcançaria nosso desejo de parar de falar para nossos aliados, e sim para quem realmente precisava refletir e ouvir nossas

reivindicações. Ainda sim, é impossível não sentir o tamanho do impacto das violências proferidas.

Quando notamos que a mesma congregação que se mobiliza em prol de *deslikes* de um videoclipe, não faz o mesmo serviço para a manutenção da igreja, que está há muitos anos precisando de reparos, deixando inclusive de badalar seu sino secular por conta de rachaduras, ou não tem a mesma indignação ao se deparar a pedofilia e o abuso que alguns ex-líderes cometeram e cometem atualmente a nível mundial, percebe-se o que realmente incomoda na sua organização: o preconceito para além das escrituras.

Imagem 41: Comentário no videoclipe de "Glowria" no Youtube



Fonte: Youtube, 2022

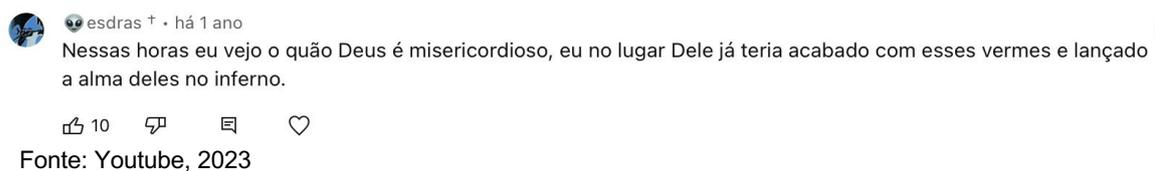
Na imagem acima temos um dos atos, daqueles que se autodenominam apóstolos de Cristo, e suas falas permeadas de violência como mostra a imagem acima, exemplificam o que falei no capítulo anterior, sobre alguns atos medievais ainda existirem hoje, com uma nova roupagem. Nesta fala temos o desejo do retorno a um período historicamente precário, com uma visão pessimista do mundo e uma abordagem negativa do corpo, em que a Igreja tinha controle das relações sociais. A luta é por poder e é sob esse aspecto que essa fala também se torna um ato de violência e não só um simples escrito.

A teoria dos atos de fala de Austin (1965), nos mostra que a função da fala vai muito além de transmitir informações. Para ele, falar é a expressão de uma ação e representa uma forma de agir sobre o interlocutor e sobre o mundo à sua volta. Entendemos portanto que, o ato de fala é toda ação realizada através do dizer.

O autor define os enunciados em constatativos e performativos. O primeiro é quando você diz algo que pode ser constatado com verdadeiros ou falsos e o segundo costuma ser dito na primeira pessoa do singular (de preferência do presente do

indicativo) na forma afirmativa e na voz ativa. Os discursos de ódio são em sua maioria caracterizados como enunciados performativos que, segundo ele, ao ser dito coisas dessa forma, estamos de fato realizando tais ações, mesmo que estas não venham a se confirmar.

Imagem 42: Comentário no videoclipe de "Glowria" no Youtube

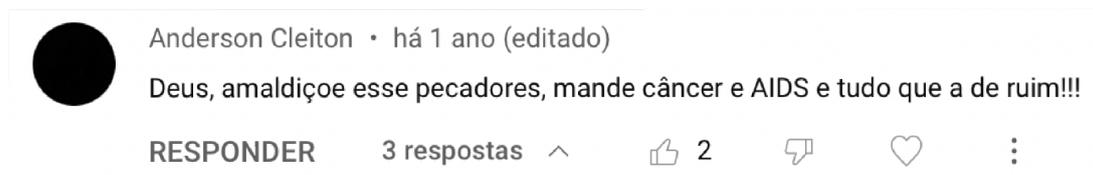


Na frase acima nós temos um exemplo de enunciado performativo, que embora esteja no futuro do pretérito, pode-se ver as intenções afirmativas em primeira pessoa: "EU no lugar Dele já teria acabado com esses vermes(...)". A ameaça é evidente, embora responsabilize um terceiro locutor, que no caso é Deus. Conseguimos perceber os atos que ele mesmo gostaria de cometer se lhe fosse dado poder.

Essa relação entre o poder e a violência está presente na forma como nossas sociedades são organizadas e regulamentadas. O Estado cumpre essa função de domínio sobre a população. Então, a propagação livre dos discursos de ódio não seria influenciada e respaldada na forma como o Estado conduz a sociedade?

Butler (2021) afirma que o Estado "produz ativamente o domínio do discurso publicamente aceitável, demarcando o limite entre os domínios do dizível e do indizível e conservando o poder de estipular e manter essa linha de demarcação." Com isso percebemos que a violência, muitas vezes, se camufla de "liberdade de expressão" e, por conseguinte, é amparada por um Estado permeado de ódios estruturais. Todos os "cidadãos de bem", portanto, se sentem respaldados pelo próprio Estado a darem suas "opiniões", ainda que criminosas.

Imagem 43: Comentário no videoclipe de "Glowria" no Youtube



Fonte: Youtube, 2023

Pensando sobre os processos de afetação da leitura de frases como essas, e a responsabilidade de quem as diz, Butler (2021) diz

Embora a ameaça não seja exatamente o ato que ela prediz, ainda é um ato, um ato de fala, que não apenas enuncia o ato por vir mas registra certa força na linguagem, uma força que ao mesmo tempo pressagia e instaura uma força subsequente. Enquanto a ameaça tende a produzir uma expectativa, a ameaça da violência destrói a própria possibilidade da expectativa: ela inicia uma temporalidade na qual esperamos a destruição da expectativa e na qual, por consequência não podemos esperá-la. (p.24)

É nessa linha que a autora analisa os discursos de ódio. As palavras tem o poder de ferir, elas acessam a nossa vulnerabilidade, já que estamos submetidos à linguagem e precisamos dela para existir como humanos. Mas ela não só nos constitui, Butler (2021, p.18) afirma que "se a linguagem pode sustentar o corpo, pode também ameaçar sua existência". Ao realizar a fala de algo dessa natureza o locutor ameaça a existência de corpos LGBTQIA+ e ainda se exime da responsabilidade ao se esconder por detrás da figura de Deus, ou ainda da tela de um computador, porém nenhum desses fatores impedem que a ação seja efetiva e, nesse caso, violenta. Ela afirma que o discurso de ódio não apenas comunica ideias ofensivas, mas coloca em ação a própria mensagem que ele comunica.

Para que a ameaça seja efetiva, ela requer certas condições e um lugar de poder pelo qual seus efeitos performativos possam ser materializados. A teleologia da ação evocada pela ameaça pode ser perturbada por diversas formas de fracasso. Mas a fantasia da ação soberana que estrutura a ameaça supõe que certo tipo de afirmação equivale a performatização do ato referido naquela fala. (ibid, p.28)

A projeção presente nas mensagens ganha mais força quando observamos as notícias e percebemos que essas ameaças são verdadeiros atos literais que acometeram diversos de nossos membros. Nossa comunidade vive sob constante ameaça e a concretude dessas frases nos faz lembrar que o caminho de equidade de direitos é longo.

Imagem 44: Comentário no videoclipe de "Glowria" no Youtube



Gabriel Teixeira · há 1 ano

O amor de Deus precisa nos fazer lembrar que Ele ama todas as pessoas. Este vídeo é um pedido de amor entre seus filhos e filhas. Parabéns pelo excelente trabalho. E pelo espaço cedido, que Deus proteja estes Freis. Luz e Fraternidade, sempre sem julgamentos.

👍 4 🗨 📄 ❤

Fonte: Youtube, 2023

Existe, no entanto, um fio de esperança no que se refere a driblar essas violências recebidas por meio do próprio uso da linguagem como escudo que seria a possibilidade de se apropriar da ofensa e ressignificá-la, como aconteceu com a palavra poc pela comunidade gay, como já falei anteriormente. O termo era permeado de um sentido pejorativo, mas sua repetição pelos próprios sujeitos a quem a ofensa era direcionada criou um sentido de resistência e apropriação. Então o que Butler propõe como alternativa às injúrias e ofensas é o que ela chama de insurreição da linguagem, inspirados em diversos movimentos sociais dessa ressignificação. E isso é algo que nós, enquanto comunidade, sabemos fazer muito bem.

Imagem 45: Comentário no videoclipe de "Glowria" no Youtube



lord metal · há 1 ano

Eu fim dos tempos que venha justiça do pai contra esses profanos malditos



Fonte: Youtube, 2023

Termino este tópico então ressignificando as palavras do querido "Lord Metal", batendo no peito dizendo que se for preciso ser profano e maldito para garantir os direitos dos meus, eu serei profano e maldito sim! E digo isso embalado da canção "Vaca Profana" da eterna Gal Costa. **OUÇA VACA PROFANA.**



QR CODE 11:
Vaca Profana -
Gal Costa

4.1. A REDENÇÃO

Na contramão das centenas de comentários "abomináveis", tivemos uma onda muito mais interessante de defensores, não só a comunidade LGBTQIA+, mas mulheres, homens, locais, estrangeiros, cristãos progressistas, líderes católicos e também de outras religiões, como a Articulação Amazônica dos Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiro de Matriz Africana (ARATRAMA), que fez uma nota de repúdio em nosso favor contra os ataques sofridos, que está no *qr code* a seguir.



QR CODE 12:
Nota de repúdio
aos ataques de
Glowria

Para além do sentimento de acolhimento e a nossa eterna gratidão a essas figuras, nos sentimos atraídos a pensar sobre a potente criação de empatia que o clipe conseguiu criar, e isso se deve ao choque provocado pelas imagens que ele criou.

A estética do choque de Josette Féral (2012) é uma das bases da linguagem desenvolvida pelo Ateliê 23, as Bionarrativas Cênicas. Como ela defende, deve-se “atravessar limites, abalar regras, abolir censuras, agredir o público” (p. 79). Ela baseia a sua teoria no conceito de choque de Paul Ardenne, que segundo a autora sustenta-se “não em apenas um modelo de acontecimento cênico, mas ao permitirmos ao espectador lê-lo em contextualização à sua realidade de criação”. (Ardenne apud Soares, 2021, p.180).

Desta forma, analisando o contexto atual onde os crimes de homofobia tem dados alarmantes, e a repressão dentro da igreja é uma realidade que muitos jovens homossexuais acabam enfrentando, o choque da presença de corpos gays em um cenário que foi historicamente construído para afastar a ideia de religiosidade de um homem afeminado foi o que provocou a comoção.

O processo empático oportunamente ocorrido em experiências de choque nas poéticas do Ateliê 23 é, por outro lado, um estado de identificação que se assemelha à ideia de compaixão, compreensão, simpatia pelo outro, ou pelo estado do outro, o que muito corrobora para a noção de sensibilização pretendida por este trabalho. (idid, p.183)

O que antes era explorado exclusivamente na relação da presença física dentro do acontecimento teatral, estava agora expandindo para novas formas de contato com o espectador, que ainda se sensibilizou pelo contexto que os signos carregam. Fica perceptível, ao observarmos a imagem do comentário abaixo, que o discurso não está pautado somente no que é explicitamente dito/cantado, mas no conjunto semiótico do lugar, corpos, dança etc., fazendo com que a barreira da língua não seja de forma alguma uma questão.

Imagem 46: Comentário no videoclipe de “Glowria” no Youtube



Dan C · há 1 ano

Wow, this is beautiful! Well done boys, you are all very cute and dance with amazing beat. I don't understand Portuguese but I get the idea. Pride and happiness! Excellent!!

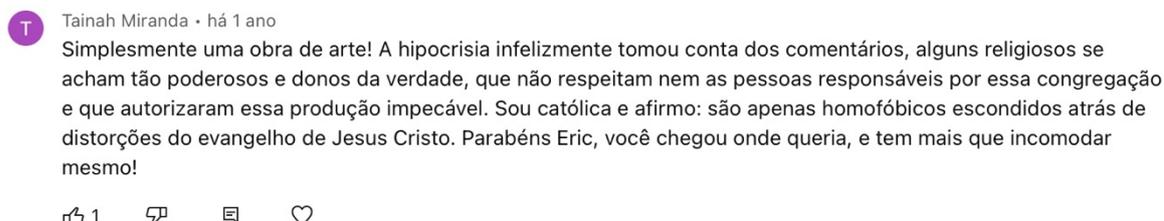


Fonte: Youtube, 2023

A tradução livre do inglês para português é equivalente a “Uau, que lindo! Muito bem meninos, vocês são todos muito fofos e dançam com uma batida incrível. Eu não entendo português, mas entendi a ideia. Orgulho e felicidade! Excelente!!”.

Poderia atribuir parte desse processo de empatia aos ataques dos cristãos conservadores, pois a visualização do ato violento em si, desperta um sentimento de humanidade em quem assiste o acontecimento na sua frente. Entretanto, isso aconteceria se esse já não fosse o mote que inspirou esta obra, assim como o conjunto dos projetos de "A Bela é Poc", ou seja, a violência só serviu como uma demonstração prática de toda intolerância religiosa já levantada.

Imagem 47: Comentário no videoclipe de “Glowria” no Youtube



Fonte: Youtube, 2023

Ainda assim, o contraste entre um clipe que mostra um mundo idealizado onde gays felizes entram tranquilamente na igreja, conversam com Deus, dançam e vão para o paraíso e a retaliação dos comentários de quem a composição está justamente falando, tem seu poder na mobilização social em prol da defesa instantânea desses corpos, em quem consegue se permitir refletir.

Parece-me compreensível que determinadas pessoas relatem a resistência sobre espetáculos – sobretudo os de fonte criadora do campo do real, documental e/ou biográfico – identificados com temas sensíveis em relação aos quais o sujeito age em repressão, de maneira a proteger a si mesmo. Enquanto a filosofia nos ensina que essa repressão age sobre o ego, nossa identidade principal, as neurociências afirmam que esse desvio no olhar faz parte do repertório humano para enfrentar o sofrimento. Ou seja, nós não o enfrentamos porque já estamos lidando conosco. (SOARES, 2021, p.174)

A empatia está diretamente ligada ao autoconhecimento, logo, ao proferir um discurso de ódio a grupos que são socialmente marginalizados e desprivilegiados de

direitos, o que vem a público condiz mais sobre quem está dizendo, do que a quem a fala é destinada.

Imagens 48, 49, 50 e 51: Comentários no videoclipe de "Glowria" no Youtube

-  Breno Matheus Barrozo De Miranda · há 1 ano ⋮
Incrível como a simples presença de LGBTs cantando sobre a sua experiência com o cristianismo e o sagrado incomoda tanto. Só mostra que nem todos são bem vindos na Igreja e que, no final, os símbolos são mais importantes que as pessoas. Excelentes clipe, fala muito sobre a experiência de ser LGBT e ter alguma espiritualidade
 3   
-  Gabriel Teixeira · há 1 ano ⋮
O amor de Deus precisa nos fazer lembrar que Ele ama todas as pessoas. Este vídeo é um pedido de amor entre seus filhos e filhas. Parabéns pelo excelente trabalho. E pelo espaço cedido, que Deus proteja estes Freis. Luz e Fraternidade, sempre sem julgamentos.
 4   
-  Gabriel Guedes · há 1 ano ⋮
artistas dançando em uma igreja causa mais indignação do que existir pessoas sem ter onde dormir a noite ou o que comer pelo o dia.
 24   
-  Henrique Santos · há 1 ano ⋮
Como essa musica define tudo o que eu sinto, Deus é bom e acolhe aqueles que procuram a ele, se hoje Jesus estivesse aqui certeza que ele não estaria junto aos hipócritas de hj. Nossa Senhor Jesus Cristo amou então vamos amar como ele amou...
 1   

Fonte: Youtube, 2023

Pós Apocalipse
Pós Apocalipse
Pós Apocalipse

5 PÓS-APOCALIPSE OU CONSIDERAÇÕES EM PROCESSO

Criar uma obra de arte é sempre um processo desafiador, ainda mais quando se está à frente dele. Em um país como o Brasil, vivemos um eterno malabarismo entre a garantia de nossos direitos de subsistência, a luta diária pela validação social e a necessidade de criar. Como diz uma frase de Jeff Alan, artista visual de Recife - PE, "Ser artista custa uma vida inteira".

A partir disso, vejo a oportunidade de criar obras tão potentes na situação atual da nossa cidade, agravado pelo período pandêmico, como um verdadeiro privilégio. "Glowria", assim como todas as produções que formam o projeto "A Bela é Poc", tem a força necessária para engajar à luta em prol dos direitos da comunidade LGBTQIA+ de maneira poética e irreverente, e nossa resistência se faz presente, ainda hoje, pela difusão desses projetos mundo afora.

A vulnerabilidade é intrínseca ao artista, e inerente ao ser gay. Ser gay também é ser artista, pois é convocado a todo instante que você crie. Crie, inclusive, meios de sobreviver, de não morrer. Nossos corpos estão à deriva da construção de uma sociedade que tem medo, e por isso, se esconde atrás de dogmas, crenças infundadas, reproduções de comportamentos preconceituosos e violentos.

A noção de humanidade está se esvaindo de nossos discursos, e por este motivo nossa existência precisa se fazer linguagem e comunicar a difícil realidade que nos é imposta pelo simples fato de sermos quem somos. Muito se luta não somente pelo direito de uma morte tranquila, mas principalmente pelo nascimento de muitos de nós que ainda virão, sem a sombra das violências que hoje ainda passamos.

E é por este motivo que "Glowria" fora criado. Para que mais "Eric's" que queiram, ou não, exercer sua fé, não sejam julgados, para que a liberdade do ser seja uma possibilidade dentro de mais famílias. E que aqueles que sejam submetidos às mesmas situações que muitos de nós foram, tenham coragem de encarar uma sociedade homofóbica.

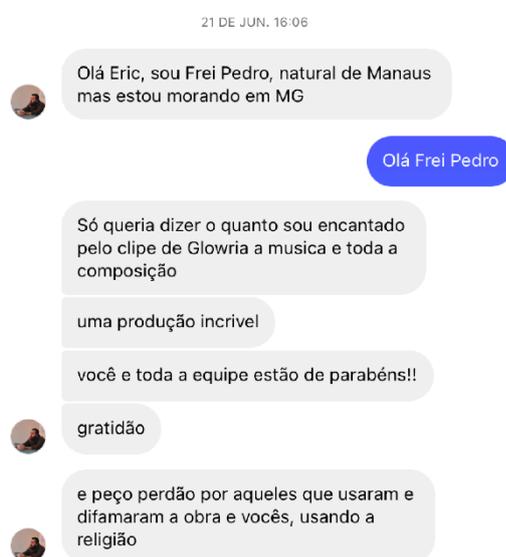
Somos uma sociedade essencialmente plural, não há espaço para o padrão e para a unificação de um pensamento. É no diálogo que evoluímos e todos os dados

mostrados nesta pesquisa só mostram o quanto ainda temos que caminhar para alcançar o mínimo de uma equidade de direitos.

Através da relação entre diversas linguagens artísticas, como o cinema, o teatro, a dança e as artes visuais, podemos criar algo genuíno, porque o principal está na investigação do ser humano e das suas formas de se manifestar em cada um. Um filme piegas, que gosto muito, "Comer, Rezar e Amar" (2010) diz que "Deus habita em nós, como nós mesmos" e acredito que o que a personagem Elizabeth quis dizer, é que ele não está interessado na nossa tentativa de representação de alguém inatingível, ele quer lhe ver sendo você, buscando sua melhor versão de um jeito que só você faria. Um filme clichê com uma frase clichê, tão difícil de entender quanto todos os teóricos que citei durante esse trabalho.

Por fim, compartilho uma mensagem simples, de poucas palavras, porém muito significativa para mim, que recebi nove meses após a estreia de "Glowria" em meu instagram.

Imagem 52: Mensagem no perfil pessoal do Instagram do autor



Fonte: O autor

Frei Pedro não entrou em detalhes, não tentou me converter, ou me convencer de nada. Elogiou o trabalho e se desculpou pelos fiéis. Não temos o mesmo credo, provavelmente tampouco as mesmas convicções ideológicas, dado a sua posição na igreja, porém conversamos.

O movimento empático a partir de uma obra artística que esse trabalho defende. Os anos de experiência no fazer cênico é para que possamos tocar efetivamente o outro e despertar novamente em nós o sentido de humanidade. É usar nosso corpo, vivências, subjetividades e escuta como espaço de criação em prol de uma transformação maior.

REFERÊNCIAS

- A BELA É POC.** Curta-metragem. Ateliê 23, Manaus, 2021.
- A BÍBLIA. **A criação.** Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008.
- ARDENNE, P. **Extrême:** Esthétiques de la limite dépassée. Paris: Flammarion, 2006.
- AUSTIN, John L. **How to do things with words.** New York: New York Press, 1965.
- AUSTIN, John L. **Quando dizer é fazer:** palavras e ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- AZUL.** Videodança. Ateliê 23, Manaus, 2021
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- BOSCH, Hieronymus. **Jardim das Delícias Terrenas.** 1504. Pintura, óleo sobre madeira. 220 x 389 cm.
- BRUEGHEL, Jan. **Jardim do Éden.** 1828. Pintura, óleo sobre tela. 800 × 517 cm.
- BUTLER, J. **Corpos que importam.** São Paulo: N-1 Edições; Crocodilo Edições, 2019.
- BUTLER, J. **Discurso de ódio: uma política do performativo.** São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, J. **Vida precária: os poderes do luto e da violência.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- CHEVALIER, J. **Dicionário de símbolos:** (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.
- COLE, Thomas. **Jardim do Éden.** 1828. Pintura, óleo sobre tela. 97,8 x 134 cm.
- COMER, REZAR E AMAR;** Título original: Eat, pray and love. Direção: Ryan Murphy. Produção: Plan B Entertainment. Estados Unidos, Columbia Pictures, 2010.
- CORBIN, A. **História do corpo:** da revolução à grande guerra. Petrópolis: Vozes, v. 2, 2012.
- DA SILVA.** Espetáculo Teatral. Ateliê 23, Manaus, 2016.

DAMASIO, A. **Em busca de Espinosa**: prazer e dor na ciência dos sentimentos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DAMASIO, A. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DAMASIO, A. **O mistério da consciência**: do corpo e das emoções ao conhecimento de si. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

DANIELS, Nicole. **Who Is in Your Chosen Family**. The New York Times. Nova Iorque, 12 de maio de 2022.

DEMARCY, Richard. **Elements du'ne Sociologie du Spectacle**. Paris: Éditeur. Union Générale d'Éditions, 1973.

ENSAIO DE DESPEDIDA. Espetáculo Teatral. Ateliê 23, Manaus, 2017.

ERIC LIMA. Glowria. Bonates Produções, 2021 (5:22min).

FÉRAL, J. Além dos limites: teoria e prática do teatro. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FÉRAL, J. O real na arte: a estética do choque. In: RAMOS, Luiz Fernando. **Arte e ciência**: abismo de rosas. p.77-94. São Paulo: Abrace, 2012.

FERNANDES, S. **Experiências do real no teatro**. Sala Preta, São Paulo, n. 13, p. 3-13, 2013

FORTIN, S. **Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística**. Revista Cena, Porto Alegre, n. 7, fev., p. 85-95, 2009.

GAL COSTA. Vaca Profana. Salvador. RCA, Sony Music. 1984. (4:40min).

GALLESE, V.; FREEDBERG, D. **Motion, emotion and empathy in aesthetic experience**. Trends in Cognitive Sciences. V. 11, n. 5, p. 197-203. 2007. Disponível em: <https://www.cell.com/trends/cognitive-sciences/home>

Gay Travel Index 2023; Spartacus Website, Berlim, Alemanha, 2023. Disponível em: https://spartacus.gayguide.travel/gaytravelindex_2023.pdf. Acessado em 9 de março de 2023.

GLOWRIA. Videoclipe. Ateliê 23, Manaus, 2021.

GUINSBURG, J. **Semiologia do Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

GUSMÃO, Roney. **Memória, corpo e cidade: o vogueing como resistência pós-moderna**. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2021.

HINO. In: DICIO, Dicionário Online Oxford Languages on Google, 2023. Disponível em: <https://www.google.com.br/hinosignificado/>. Acesso em: 05/02/2023.

HOZIER. Take me to Church. Rubyworks Records, 2013 (4:03min)

INTERSTELLAR; Direção: Christopher Nolan. Produção: Legendary Pictures, Syncopy Films Lynda Obst Productions, Estados Unidos, Warner Bros, 2014.

KAYE, Richard A. **Outlooks: Lesbian and Gay Sexualities and Visual Cultures / Losign his religion: *Saint Sebastian as contemporary gay martyr.*** p. 86-105. Abingdon, Oxfordshire: Routledge, 1996.

LEJEUNE, P. **O Pacto Autobiográfico:** de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LUBISCO, N. M. L. **Manual de estilo acadêmico:** trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses. Salvador: EDUFBA, 2019.

MANTEGNA, Andrea. **The Martyrdom of Saint Sebastian.** 1480. Têmpera sobre tela, 255 x 140 cm.

MELO, Luiz G. Por rachaduras na torre, sinos da Igreja de São Sebastião param de tocar. **Jornal A Crítica**, Manaus, 19 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.acritica.com/manaus/por-rachaduras-na-torre-sinos-da-igreja-de-s-o-sebasti-o-param-de-tocar-1.65576>. Acessado em 09 de março de 2023.

MENGALI, Jeferson. **São Sebastião: O mártir que desafiou o imperador ao se declarar soldado de Cristo** – 1º ed. São Paulo: Planeta, 2018.

MIDSOMMAR. Direção: Ari Aster. Produção: A24. 170 min. Estados Unidos, 2019.

Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2021 / Acontece Arte e Política LGBTI+; ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais); ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos). – Florianópolis, SC: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/wp-content/uploads/2022/05/Dossie-de-Mortes-e-Violencias-Contra-LGBTI-no-Brasil-2021-ACONTECE-ANTRA-ABGLT-1.pdf>. Acessado em: 11 de março de 2023.

MUDANÇA DE HÁBITO 2. Título original: Sister Act 2: Back in the Habit. Direção: Bill Duke. Produção: Touchstone Pictures. 107 min. Estados Unidos, Walt Disney Company, 1992.

Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil - 2020: Relatório da Acontece Arte e Política LGBTI+ e Grupo Gay da Bahia; Alexandre Bogas Fraga Gastaldi; Luiz Mott; José Marcelo Domingos de Oliveira; Carla Simara Luciana da Silva Ayres; Wilians Ventura Ferreira Souza; Kayque Virgens Cordeiro da Silva; (Orgs). – 1. ed. – Florianópolis: Editora Acontece Arte e Política LGBTI+, 2021. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2021/05/observatorio-de-mortes-violentas-de-lgbti-no-brasil-relatorio-2020.-acontece-lgbti-e-ggb.pdf>. Acessado em 11 de março de 2023.

PAIS, A. **Ritmos afectivos nas artes performativas.** Lisboa: Edições Colibri, 2018.

PARAÍSO PERDIDO. Espetáculo Teatral. Teatro da Vertigem, São Paulo, 1992.

PEREIRA JR, Vítor. **Mães Narcisistas - Parte V - Os diferentes filhos da mãe narcisista.** Recanto das Letras, 2020. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/ensaios/7100302> . Acesso em: 25 de fevereiro de 2023.

PERSONA. Espetáculo Teatral. Ateliê 23, Manaus, 2015.

REBOUÇAS, Evill. **A dramaturgia e a encenação no espaço não convencional.** São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

RENI, Guido. **The Martyrdom of Saint Sebastian.** Cerca de 1600. Pintura, óleo sobre tela.

RICOUER, P. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas: Editora Unicamp, 2007.

RUBENS, Peter Paul. **The Martyrdom of St Sebastian.** 1608. Pintura, óleo sobre tela, 153 x 118 cm.

SAISON, M. **Les théâtres du réel.** Paris: L'Harmatan, 1998.

SENECA, Lúcio Aneu. **Cartas a Lucílio.** 2ª. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

SOARES, Taciano Araripe. **Bionarrativas Cênicas: dispositivos de comoção em obras do Ateliê 23.** 2021. Orientadora: Deolinda Catarina França de Vilhena. 228 f. il. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, 2021.

STREVA, Christina. **O Cabaré como objeto de estudo e o desafio de se (re)descobrir essa história.** Cavalo Louco. Porto Alegre, n. 20, p. 03 – 09, ago., 2020.

SUR LA VIE. Espetáculo Teatral. Ateliê 23, Manaus, 2014.

TOGNOLI, J. **Male Friendship and Intimacy across the Life Span.** *Family Relations*, n.29, p273-279, 1980.

VACAS BRAVAS [ONLINE]. Espetáculo Teatral. Ateliê 23, Manaus, 2021.

VIDARTE, Paco. **Ética bixa, Proclamações libertárias para uma militância LGBTQ.** São Paulo: n-1 edições, 2019.

WHITE, Ellen. **Mensagem aos Jovens,** Casa Publicadora Brasileira, Curitiba, 2002.

WITTING, Monique. **The Straight Mind and other Essays (O Pensamento Hétero).** Boston: Beacon, 1992.